

VALTER DA ROSA BORGES

FENOMENOLOGIA DAS APARIÇÕES

VALTER DA ROSA BORGES

FENOMENOLOGIA DAS APARIÇÕES

Recife - 2001

Copyright: Valter da Rosa Borges

À Fundação Joaquim Nabuco - FUNDAJ - e à Fundação Gilberto Freyre, como homenagem ao escritor Gilberto Freyre, cujo centenário de nascimento foi comemorado no ano passado. Em seu livro "Assombrações do Recife Velho", ele relatou casos de aparições que impressionaram os recifenses, notadamente os ocorridos no histórico bairro de São José.

Ao Instituto Cultural Lula Cardoso Ayres como homenagem aos noventa anos de nascimento do pintor Lula Cardoso Ayres, também comemorados no ano passado. Entre os quadros que ele pintou, alguns tiveram, por tema, as assombrações.

Ao Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas - I.P.P.P. - como homenagem pelos vinte oito anos de existência (1973-2001) dedicados ao estudo, à pesquisa e ao ensino da Parapsicologia em nosso Estado.

INTRODUÇÃO

A presente monografia resultou de um trabalho que apresentamos no XVIII Simpósio Pernambucano de Parapsicologia, promovido pelo Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas - I.P.P.P. - e realizado no auditório do Museu do Homem do Nordeste, no dia 18 de novembro de 2000, com o apoio da Fundação Joaquim Nabuco, da Fundação Gilberto Freyre e do Instituto Cultural Lula Cardoso Ayres.

O interesse do público que compareceu àquele evento nos animou a publicar o referido trabalho, notadamente porque o Recife é uma cidade que possui uma rica tradição de aparições e casas mal-assombradas.

As aparições, também denominadas popularmente de fantasmas, e as casas mal-assombradas constituem uma das mais antigas experiências do ser humano desde tempos imemoriais e nas mais diversas culturas. Quase sempre cercadas de misticismos e superstições, fundados em relatos geralmente fantasiosos, nem sempre de primeira mão e por pessoas despreparadas para a sua observação, as aparições exerceram e ainda exercem um enorme fascínio entre as pessoas.

Somente no século XIX, o tema passou a interessar alguns cientistas que se dedicavam ao campo das investigações psíquicas, tanto assim que a primeira pesquisa sobre aparições, denominada de Relatório sobre o Recenseamento das Alucinações, foi realizada, em 1892, pela Sociedade de Pesquisas Psíquicas, de Londres, e recrutou 410 pessoas. Dos 17.000 entrevistados, 1.029 mulheres e 655 homens responderam haver passado por aquela experiência. O Recenseamento foi internacional, embora quase 16.000 respostas tenham vindo da Inglaterra. As demais se originaram da Rússia, Brasil, Áustria, Alemanha, França e Itália.

Camilo Flammarion, na França, afirmou possuir mais de 5.600 relatos de aparições em seu poder, sem contar com os de outros países.

Hans Holzer apresentou relato de 59 casos de assombração ocorridos na América do Norte e na Europa.

Milhares de casos de aparições se encontram arquivados na Sociedade de Pesquisas Psíquicas.

Na Inglaterra, a justiça tem apreciado casos de casas mal-assombradas, conhecidas pelo nome de *haunting*, como causa de extinção de locação imobiliária.

César Lombroso asseverou que mais de 150 casas, na Inglaterra, tinham sido abandonadas porque eram mal-assombradas.

Conta Camilo Flammarion que o Sr. Maxwell, advogado em Bordéus, encontrou nos arquivos da Corte de Apelação dessa cidade, diversos julgados do século XVIII

relativos a rescisões locatícias por motivo de assombração. Informa também que, em Nápoles, em 1907, o advogado Zingarapoli, patrocinando a causa da Duquesa de Castelpoto contra a Baronesa Laura Englen, defendeu, em juízo, a hipótese de que o locatário de uma casa infestada por espíritos tem o direito de pleitear a rescisão do contrato.

Informa ainda Flammarion:

"Troplong, tratando Da permuta e da locação (art. 1702 do Código Civil de Napoleão, correspondente ao 1577 do Código Italiano, § 197) assinala "este vício redibitório": a aparição de espectros e fantasmas nas casas alugadas."

E conclui:

"As casas mal-assombradas foram reconhecidas de muitos séculos pela jurisprudência européia."

No Brasil não conhecemos qualquer decisão judicial sobre o assunto. No entanto, a nossa legislação civil pode vir em auxílio de quem alugou ou comprou um imóvel mal-assombrado.

Diz o Art. 1.101, do nosso Código Civil:

A coisa recebida em virtude de contrato comutativo pode ser enjeitada por vícios ou defeitos ocultos, que a tornem imprópria ao uso a que é destinada ou lhe diminuam o valor.

Esses vícios ou defeitos ocultos são os chamados *vícios redibitórios*, permitindo ao locatário ou comprador promover a extinção do contrato. Mas, para exercer esse direito, é necessário que a parte prejudicada não tivesse conhecimento deste inconveniente, pouco importando que a outra parte também o ignorasse. Não se pode negar que um imóvel onde exista a manifestação de um "haunting" o torna impróprio ao uso a que é destinado. E, em se tratando de alienação imobiliária, a assombração, além de causar incômodo ao adquirente, ainda lhe diminui o valor. Nessa hipótese, o comprador tem duas opções: ou promove a extinção do contrato, ou propõe a redução do preço do imóvel.

A mente humana não apenas interage com a realidade, mas gera encantamentos que se opõem e se sobrepõem à própria realidade, ensejando questionamentos que serão discutidos, em seus diversos aspectos, nesta monografia.

Valter da Rosa Borges

Definições

Para definirmos as aparições precisamos, inicialmente, dividi-las em dois grandes grupos: as aparições subjetivas e as aparições objetivas.

As aparições subjetivas são aquelas que resultam de uma alucinação visual, em que se percebe a presença aparente de pessoa viva ou morta que não se encontra fisicamente no local onde é percebida. Elas representam a quase totalidade das aparições.

Em casos raros, a aparição é de animal.

Raramente as aparições são observadas de frente e se dirigem ao percipiente, falando com ele, ou tocando nele. Em alguns casos, elas são vistas refletidas em espelhos ou em superfícies polidas, aparecem e desaparecem instantaneamente, ficam suspensas no ar e se movimentam deslizando em vez de andando. Comunicam-se com o percipiente quase sempre por telepatia.

As aparições objetivas são aquelas dotadas de uma certa materialidade, podendo ser observadas, simultaneamente, por mais de uma pessoa.

Essas aparições são quase sempre de pessoas falecidas ou desconhecidas e constituem um dos temas mais polêmicos da investigação parapsicológica.

As aparições, em alguns casos, são completas. Tocam nas pessoas e são tocadas por elas. Deixam provas concretas de sua presença. São fotografadas. Dialogam com as pessoas e têm toda a aparência de um ser vivo.

Aparição objetiva foi um termo que criamos para substituir o vocábulo *materialização*.

Aparições subjetivas

As aparições podem ser:

- a) espontâneas;
- b) induzidas;
- c) episódicas;
- d) recorrentes;
- e) em estado de vigília;
- f) em sonho.

Aparições espontâneas

A quase totalidade das aparições é de natureza espontânea e, geralmente, o percipiente se encontra em estado normal.

Em Pernambuco, o escritor e sociólogo Gilberto Freyre coletou, em livro, vários casos de aparições acontecidos no Recife antigo.

Na década de 70, Karlis Osis utilizou câmara de vídeo de alta sensibilidade para filmar aparições, porém não foi bem sucedido na sua tentativa.

Em 1992, nos Estados Unidos, outros pesquisadores fizeram uso de equipamentos para medir a ionização do ar e a radiação do ambiente a fim de detectar a presença de forças elétricas e eletromagnéticas no local onde ocorriam aparições.

Aparições induzidas

São aquelas provocadas pelo próprio percipiente ou por terceiros.

A aparição é uma alucinação visual auto-induzida, quando resulta de dramatização das necessidades psicológicas e emocionais inconscientes do percipiente. Mas pode ser conscientemente provocada pelo percipiente para fins experimentais.

As superfícies brilhantes, polidas, como as dos cristais e espelhos, constituem excelentes indutores para as alucinações visuais. A cristalomancia, desde tempos remotos, se fundamentou na prática de se obter visões pela contemplação de espelhos e cristais.

Raymond Mood Jr. inventou uma técnica de produzir aparições, utilizando-se do que ele denominou de *câmara psicomante*, uma forma moderna de cristalomancia. Ele diz ter coordenado uma série de sessões de cristalomancia, nas quais os seus pacientes entraram em contato com aparições. Então, resolveu tentar a sua própria experiência, escolhendo, previamente, a sua avó materna como aparição. Mas, quem lhe apareceu foi a sua avó paterna, o que comprovou a sua observação de que 1/4 das pessoas que passaram pela indução cristalomântica não viram quem queriam, mas uma outra pessoa falecida.

Em cerca de 10% dos casos, as aparições pareciam sair do espelho e entrar no ambiente em volta e algumas tocavam no percipiente. Também cerca de 10% dos percipientes disseram ter viajado para dentro do espelho, onde se encontraram com parentes falecidos, os quais lhes pareceram mais jovens do que quando morreram.

Aproximadamente em 15% dos casos, as pessoas afirmavam que as aparições pareciam falar com elas.

Observou ainda Mood Jr. que 25% das pessoas que passaram pela experiência da cabina psicomante voltaram a ver a aparição, quando chegaram de volta ao hotel ou à sua residência.

As aparições davam a impressão de que estavam bem e felizes.

Segundo a experiência de Mood Jr., um pouco mais da metade das pessoas que tentaram obter a visão, conseguiram-na. Outras, somente na segunda, terceira e até quarta tentativa.

Dean Radin e Janine M. Rebman relataram, em 1955, sua pesquisa de “criação de fantasma em laboratório”, utilizando-se de uma antiga técnica grega conhecida pelo nome de “oráculo dos mortos”, a fim de obter uma aparição em condições de controle, em um ambiente monitorado com equipamento para registrar alterações ambientais e as alterações fisiológicas nas pessoas submetidas à experiência, com verificação de sua pressão arterial, pulsação, condutividade elétrica da pele e ondas cerebrais, entre outros parâmetros.

A experiência se passa em uma sala escura e silenciosa, onde as pessoas se sentam em cadeira confortável, olhando para um espelho com moldura iluminada e colocado em posição que elas não possam se ver. Após um breve tempo, pede-se às pessoas que relaxem e olhem para o espelho, visando obter algum contato com alguém falecido.

Algumas pessoas relataram que, durante as aparições, sentiram arrepios nos cabelos dos braços e da cabeça, assim como mudanças na iluminação e na temperatura ambiental, e os pesquisadores constataram que as alterações fisiológicas apresentadas estavam relacionadas com as alterações ambientais. Essas alterações não constituíam uma relação de causa e efeito, mas eram simultâneas e interdependentes. Por isso, aventaram a possibilidade de que, nessas alterações, três fatores estariam envolvidos: a mente, o organismo e o meio ambiente.

A aparição é uma alucinação visual telepaticamente induzida por terceiro, quando a pessoa por ela representada, voluntariamente, afetou a mente do percipiente, fazendo-o perceber a sua imagem, como se ali se encontrasse fisicamente. Em alguns experimentos, pesquisadores conseguiram com que percipientes que se encontravam em outro local vissem o seu fantasma.

Aparições episódicas

São aquelas que ocorrem uma só vez e constituem a regra geral. Rarissimamente as pessoas passam por essa experiência uma outra vez.

As aparições recorrentes

São aquelas que se repetem por meses ou anos a fio em um determinado local, tornando-o mal-assombrado. Essas aparições são sempre de pessoas mortas e se comportam como autômatos, praticando, invariavelmente, as mesmas ações e percorrendo a mesma trajetória.

A casa ou sítio mal-assombrado é o local onde habitualmente e durante um curto ou largo período de tempo se escutam ruídos fisicamente inexplicáveis e/ou se percebe a presença de fantasmas ou de um mesmo fantasma. Os ruídos, por mais estrondosos que sejam, parecendo queda ou quebra de objetos, não passam de alucinação auditiva, porque todas as coisas permanecem em seus lugares. O agente causador do fenômeno ou *agente psi* não é identificável. E as aparições são, em quase sua totalidade, de pessoa morta e, em alguns casos, de pessoa desconhecida.

Há casos em que a assombração persiste no imóvel até a sua demolição.

O que se pode questionar é se o local mal-assombrado sempre o foi ou assim se tornou a partir da morte de alguém, geralmente vítima de acontecimento trágico. E também indagar por que, depois de algum tempo, o local ficou desassombrado.

Há casos em que a mesma aparição é vista várias vezes pelas mesmas pessoas. Por isso, elas se tornam familiares e não mais despertam medo nos seus habituais percipientes.

As aparições recorrentes estão ligadas a determinado local. Tyrrell, porém, apresenta um caso, que constitui uma exceção.

"Uma família alugou uma casa em West Brompton por um período de sete anos. Durante os primeiros dezoito meses nada aconteceu, mas depois começou a se ver uma figura triste ao redor da casa, que foi notada repetidamente pelo menos por cinco testemunhas independentes. A figura era muito alta, vestida com roupas cinzentas. A roupagem também lhe envolvia parcialmente a cabeça, embora permitisse que se vissem os traços do semblante. O "cinza" era uma luz cinza - talvez uma cor parecida a qual adquire o branco em uma obscuridade parcial - . As mãos pareciam estar cruzadas na frente da figura. A expressão do semblante era muito serena e tranqüila - um rosto pacífico... - . Não havia nada estranho quanto ao contorno de sua figura. As vestimentas eram informais - isto é, não tinham forma definida, eram parecidas com um hábito de frade -, mas suas linhas eram firmes e claras. No entanto, o total da figura parecia sombreado, e seu aspecto, incorpóreo". Havia ruído de pisadas e se ouviam gemidos e o som de uma respiração entrecortada, golpes de portas (que estavam fechadas), ruídos de móveis arrastados, etc., e se dá uma relação de experiências de vários percipientes.

Ao fim de sete anos, vencido o prazo, a família se mudou para outra casa das redondezas. Quando estava nela por volta de dezoito meses começaram a escutar os mesmos ruídos que foram aumentando em intensidade até chegar a ser tão fortes como na casa anterior. Depois começaram a ver a mesma figura. Aqui temos, pois, o exemplo de um espectro que seguiu a família de uma casa para outra."

Bozzano relata um caso que evidencia que a aparição recorrente pode ser também de animais, tornando, assim, um lugar mal-assombrado. Essa experiência foi vivenciada por Elizabeth D'Esperance, uma das mais notáveis agentes psi, cujo relato foi publicado na *Light*, em outubro de 1904.

"A localidade, onde se produziram os fatos, não está afastada de minha casa e eu mesma fui testemunha ocular deles. Depois da publicação de meu caso, tive o ensejo de assistir a um fato semelhante. Eis brevemente a sua história:

Em 1896, estabeleci-me definitivamente na minha residência atual. Conhecia muito bem o lugar, que já havia visitado por várias vezes, e estava mesmo informada de que ele tinha a fama de ser assombrado, todavia eu não tinha sabido grande coisa a este respeito, sobretudo porque não conhecia quase ninguém nos arredores, depois porque não se conhecia a minha língua e eu ignorava a do país. Após isto é fácil conceber que as comunicações entre nós deviam necessariamente ficar limitadas, pelo menos durante certo tempo. O que vi ou acreditei ver não deve então ser atribuído a um efeito de rumores que eu não poderia conhecer.

Nos meus passeios cotidianos, eu tinha o hábito de ir a um bosquezinho de que gostava muito por causa da sombra fresca da qual ali se gozava no verão e porque também se ficava livre dos ventos no decurso do inverno. Uma estrada pública atravessava-o de um lado a outro. Ora, eu havia freqüentemente observado que os cavalos eram ali tomados de medo e tal coisa sempre me intrigara, não sabendo a que atribuir o fato. Em outras ocasiões, quando eu chegava a esse lugar com o meu par de cães, esses se recusavam decididamente a entrar no bosque, se arrojavam por terra, metiam os focinhos entre as patas e ficavam surdos à persuasão como às ameaças. Se eu me dirigisse para qualquer outra direção, eles me seguiam alegremente, porém, se eu insistisse em querer voltar para o bosque, me abandonavam e se dirigiam para casa, presas de uma espécie de pânico. Renovando-se esse fato por várias vezes, decidi-me a falar dele a uma amiga, que era proprietária desse lugar. Soube então que incidentes iguais se tinham muitas vezes reproduzido no local há anos bem recuados, não constantemente, mas a intervalos de tempos com cavalos ou cães, indiferentemente. Contou-me também que essa parte da rota que atravessava o bosque era olhada pelos lavradores do lugar como um terreno assombrado devido a um terrível crime que foi ali cometido no começo do século passado.

Um cortejo matrimonial tinha sido atacado por um apaixonado que a esposa repelira e essa foi assassinada ao mesmo tempo que o marido e o pai. O culpado fugiu, mas foi alcançado, a dois ou três campos de distância, pelo irmão da esposa que o matou. Esta história, muito conhecida, é autêntica. Perto do pequeno bosque (mas não onde os cavalos se espantavam) há três cruces de pedra que marcam o lugar onde os três assassinatos foram cometidos e uma outra cruz, colocada a três campos da distância, assinala o ponto em que o culpado tombou por sua vez. Tudo isto se passou há um século, mas a presença das cruces tem servido para conservar, na região, a lembrança do drama, o que explicaria, portanto, a atitude dos cavalos e dos cães.

Num dia do outono de 1896, eu havia saído com uma amiga para fazer um passeio... Chegamos ao bosquezinho no qual entramos pelo lado do oeste, seguindo tranquilamente o nosso caminho... Fui a primeira a me voltar e percebi uma vitela de tom vermelho-escuro. Surpresa com a aparição inesperada desse animal ao meu lado, soltei uma exclamação de espanto e ela se abrigou logo no bosque, do outro lado do caminho. No momento em que penetrava no arvoredo, um estranho clarão avermelhado se desprende dos seus grandes olhos e dir-se-ia que projetavam chamas. Era hora do pôr-do-sol, o que fez com que eu pensasse que os raios do sol, que dardejavam em linha horizontal, sobre os olhos do bicho, bastassem para explicar o fato, olhos esses que brilhavam quase como as esquadrias de uma janela quando eram batidas diretamente pelos raios do sol.

*Quando estávamos perto de nossa casa, minha amiga verificou que havia perdido o cabo de prata de sua sombrinha e se dirigiu para um dos jardineiros a fim de lhe pedir para mandar um homem procurar o objeto perdido e lhe deu todas as indicações necessárias ao lhe indicar exatamente qual o caminho que havíamos percorrido. O jardineiro lhe disse que, antes do anoitecer, ele mesmo iria lá e lhe explicou que os camponeses da região experimentavam grande mal-estar ao penetrarem no bosque, sobretudo à tarde. - E por quê?, perguntou a minha amiga. O jardineiro contou então que a superstição desses camponeses ignorantes, já tão intoleravelmente estúpidos e irritantes, tinha ainda piorado ultimamente em consequência do rumor de que **a vitela de olhos reluzentes** fora vista no bosque, o que fez com que ninguém se aventurasse a ir lá... Minha amiga e eu trocamos um olhar, sem contradizer o douto jardineiro que foi procurar o objeto perdido enquanto voltávamos para casa.*

*Desde então, por algumas outras vezes, a longos intervalos, espalhava-se o rumor de que **a vitela de olhos reluzentes** fora vista por alguém e o bosque era cada vez mais evitado pelos camponeses, se bem que, depois dessa época, bem poucos dias se passavam sem que eu atravessasse o bosque a pé ou a cavalo (salvo certos períodos durante os quais eu devia ausentar-me da casa) e quase sempre com o meu par de cães, e nunca mais, até há algumas semanas, me aconteceu encontrar novamente com o animal misterioso.*

*Era uma jornada sufocante e eu me dirigira para o bosque em busca de abrigo contra o sol e a reverberação enceguedora do caminho. Estava acompanhada de dois **collies** (cães pastores) e por um pequeno **terrier**. Chegando ao limite do bosque, os dois cães se agacharam subitamente debaixo do sol e recusaram a prosseguir caminho, ao mesmo tempo que exerciam toda a sua arte de persuasão canina para que eu me dirigisse para outro lado. Vendo que eu persistia em querer prosseguir, acabaram por me acompanhar, porém com visível repugnância. Todavia, alguns instantes após, pareceram se esquecer e recomeçaram a correr para cá e para lá, enquanto eu continuava tranquilamente o meu caminho, colhendo amoras. Num certo momento, eu os vi chegar às carreiras para irem deitar-se, tremendo e gemendo, aos*

*meus pés. Simultaneamente, o pequeno **terrier** saltava sobre os meus joelhos. Eu não conseguia explicação para o evento, quando, de repente, ouvi detrás de mim umas patadas furiosas que se aproximavam rapidamente. Antes que eu tivesse tempo de afastar-me, vi correr, na minha direção, um bando de gamos cheios de pavor e que, na sua desenfreada galopada, fazia tão pouco caso de mim e dos cães que quase me jogaram por terra. Olhei em torno de mim, espantada, para descobrir a causa de tal pânico e percebi uma **vitela de cor vermelha carregada**, que, voltando sobre os seus passos, se embarafustou pelas partes podadas, enquanto os gamos se tinham virado para uma outra direção do bosque. Meus cães que, em outras circunstâncias ordinárias, lhes teriam dado caça, se mantinham agachados e trêmulos nos meus pés, ao passo que o cão **terrier** não queria descer de cima dos meus joelhos. Por vários dias esse cãozinho não quis mais atravessar o bosque e os **collies** não se recusavam a isso e ali entravam contra a vontade deles, mostrando visivelmente a sua desconfiança e o seu temor.*

*O resultado das nossas indagações não fez senão confirmar ainda mais as nossas impressões, isto é, que a **vitela de cor vermelha escura** ou, como se diz na região, **a vitela de olhos reluzentes**, não era um animal comum, vivo e terrestre... Qual relação, porém, podia existir entre o fato em questão e a tragédia que se desenrolara no bosque é um problema para o qual não encontrei nenhuma resposta. Não duvido, portanto, de que as faculdades de intuição e de clarividência próprias aos animais deviam ter-lhes feito conhecer a existência de alguma coisa de anormal ou de supranormal no bosque e que a repugnância pelos fenômenos desta natureza - repugnância que, no homem, é chamada superstição - era a causa verdadeira de sua estranha atitude.*

Se eu tivesse sido a única pessoa a ver o misterioso animal é mais do que provável que não teria falado dele, mas foi bem de outra maneira, isto é, foi visto várias vezes, em circunstâncias diferentes, por numerosas pessoas da região."

Aparição recorrente e "poltergeist"

Embora, em alguns aspectos, a aparição recorrente se assemelhe ao "poltergeist", dele se distingue claramente.

O "poltergeist", cuja denominação correta é psicocinesia espontânea recorrente (PER), se caracteriza pela ocorrência reiterada de fenômenos parapsicológicos de natureza física (psi-kapa), em determinado local, cujo agente psi é, geralmente, uma pessoa jovem na fase da puberdade e com problemas emocionais.

Rarissimamente, o "poltergeist" se manifesta pela presença de aparições, mas de movimento, aparecimento e desaparecimento de objetos ou por sua combustão espontânea. Móveis se quebram ou se incendiam, objetos voam, espatifam-se contra a parede ou desaparecem misteriosamente; pedras são arremessadas aleatoriamente e, às

vezes, atingem alguma pessoa; água brota em locais onde não há encanamento; pessoas são agredidas por algo invisível com dentadas e bofetadas.

A casa fica momentaneamente assombrada por esses fatos insólitos, os quais, no entanto, não estão ligados ao imóvel, mas à presença de pessoa que é o seu fator causal. Assim, se ela se muda para outra casa, o fenômeno a acompanha e vai perturbar a nova residência em que ela passou a morar. Há casos excepcionalíssimos em que o poltergeist segue também as pessoas que o presenciaram.

Aparições em estado de vigília

É a regra geral. O percipiente quase sempre se encontra em estado normal, seja desempenhando suas atividades rotineiras, seja em repouso.

Aparições em sonho

Essa experiência pode ser de tal intensidade que, em algumas ocasiões, o sonhador tem a vívida impressão de que se trata de um acontecimento fisicamente real.

Conta Bocácio, no seu *In laude de Dante*, que o poeta Dante Allighieri, muitos anos depois de sua morte, apareceu, em sonho, ao seu filho Jacopo para lhe revelar o esconderijo onde havia guardado os últimos treze cantos da "Divina Comédia" que até então vinham sendo procurados em vão.

Aparição de pessoa

Podemos distinguir as seguintes modalidades:

- a) aparição de pessoa viva;
- b) aparição de pessoa morta;
- c) aparição de pessoa desconhecida;
- d) aparição coletiva;
- e) aparição de pessoa falecida ao lado do seu cadáver;

Aparição de pessoa viva

Também conhecida por *aparição crítica*, é aquela em que alguém, estando em perigo de vida ou gravemente enfermo, é visto em outro local por algum parente ou amigo. Via de regra, a pessoa que foi vista por outra, como aparição, não se lembra dessa experiência.

O Relatório do Recenseamento das Alucinações revelou que as aparições de pessoas vivas eram quase o dobro daquelas relativas a pessoas mortas.

Aparição de pessoa morta

Camilo Flammarion observou que as aparições de pessoas mortas são relativamente freqüentes nas horas que seguem imediatamente o falecimento e seu número diminui com o transcorrer do tempo. Excepcionalmente, há alguns casos de aparição de pessoas muitos anos depois de sua morte.

Do mesmo modo Myers observa:

"Se pudéssemos traçar uma curva que expressasse o número relativo das aparições, antes e depois da morte, veríamos que este número aumenta rapidamente durante as horas que antecedem, para, gradativamente, diminuir durante as horas e dias que se seguem à morte. Após o primeiro ano, as aparições se tornam raras e excepcionais."

A aparição de pessoa, logo após a sua morte, não assegura que se trata de aparição de pessoa falecida. A informação telepática da morte pode ter ficado em latência, no inconsciente do percipiente, só sendo conscientizada, sob forma de alucinação visual, horas depois do falecimento.

César Lombroso investigou vários casos de assombração e observou que sempre existia neles um determinado propósito, como punição ao novo ocupante do imóvel, vingança por honra da família, ou advertência moral ou religiosa. As manifestações são intensas se as aparições são de pessoas que morreram de morte violenta e na flor da idade.

A quase totalidade dessas aparições é de pessoas infelizes ou que deixaram pendências em sua vida terrena.

Aparição de pessoa desconhecida

É uma modalidade de aparição fugaz, imprecisa, quase uma simples impressão e, por isso, não é percebida com nitidez, parecendo tratar-se de uma alucinação de natureza psicológica.

Aparição coletiva

É aquela constituída por duas ou mais aparições simultâneas, e podem ser percebidas por uma ou mais pessoas.

Diz F. S. Edsall que o registro da Batalha-Fantasma, na Colina de Edge, acontecida em Northamptonshire, durante as lutas do Rei Carlos I contra o Parlamento, está tão bem fundamentado que muitos são os que o têm aceito, sem qualquer objeção, como uma parte autêntica da história da Inglaterra. Eis a história, em resumo:

"A verdadeira Batalha na Colina de Edge travou-se na aldeia de Keinton, Inglaterra, em 23 de outubro de 1642, entre o Exército Real do Rei Carlos e o Exército do Parlamento sob o comando do Conde de Essex. Na véspera do Natal, uns dois meses após a batalha, pouco depois da meia-noite alguns pastores e outros camponeses vizinhos da Colina de Edge foram acordados por rufos de tambores e ruído de aproximação de soldados e artilharia. Fugiram de suas casas. Demasiado apavorados para se movimentarem, aglomeravam-se todos, trêmulos e aturdidos.

Subitamente, de pleno ar, materializaram-se soldados-fantasmas. De um lado havia as bandeiras do rei, e do outro, as do Parlamento. Acompanhava-os o estrondo da explosão de mosquetes e canhões, as arremetidas, empinos e relinchos dos cavalos, os gemidos e gritos de feridos. A refrega prosseguiu até às duas ou três horas da madrugada, quando o exército real se debandou. O outro exército permaneceu por curto tempo regozijando-se de sua vitória. Depois, tudo - soldados, tambores, trombetas, artilharia -- se desvaneceu.

As aterrorizadas testemunhas apressaram-se em retornar à aldeia. Ali, interrompendo-se uns aos outros em sua excitação, relataram o ocorrido ao juiz de paz, William Wood, Esq, e ao "pregador do Verbo de Deus de Keinton", Samuel Marshall. Ambos zombaram de toda a história. Todavia, aquiesceram em acompanhar o grupo na noite seguinte até o local onde se dizia haver-se desenrolado esta improvável ocorrência. Ali, a despeito de sua completa incredulidade, eles também testemunharam toda a fantástica representação, que seguiu o mesmíssimo roteiro em seus mínimos detalhes. Nas noites de sábado e domingo seguintes, de novo se travou a batalha-fantasma.

As notícias deste drama spectral se espalharam tanto, que chegaram aos ouvidos do rei Carlos de Oxford. Naquela época a publicidade e as relações públicas eram atividades desconhecidas; contudo, deixar pairar esta derrota às vistas do público não era nada agradável ao rei. Com o intento de fulminar tão absurdo relato, Carlos enviou à aldeia de Keinton três oficiais conhecidos por seu ceticismo: o coronel Luiz Kirke, o capitão Dudley, e o capitão Wainman, com a incumbência de acabarem com tão tola preocupação. Estes oficiais entrevistaram o Sr. Marshall e outros. Com muita gaiatice, resolveram sentar-se na encosta da colina nas noites de sábado e domingo seguintes. Aqui, duvidando de seus próprios sentidos, assistiram por duas vezes à batalha-fantasma. Ademais, reconheceram distintamente alguns dos soldados, particularmente Sir Edmundo Varney, morto ali. Perante Sua Majestade, prestaram o juramento de seu testemunho."

Edsall ainda relaciona outros casos:

"O Sr. Lancaster, clérigo e Wymouth, Inglaterra, costumava ler à sua congregação trechos de cartas dos confrades soldados a suas famílias. Um deles escreveu que o mísero grupo remanescente de sua companhia, grandemente desfalcada, estava sendo perseguido pelos alemães. O grupo se ocultou numa pedreira,

mas foi descoberto pelo inimigo, que se aprestava para fazer-lhe fogo. "Naquele momento - escreve ele - toda a cumeada da pedreira foi ocupada por uma fileira de anjos, que foram vistos por todos os soldados, inclusos os alemães". Estes fugiram incontinenti, e em grande desordem, e os perseguidos se tornaram os perseguidores. Grande número de alemães foi feito prisioneiro.

O próprio missivista, que falava bem o alemão, mais tarde perguntou a um dos prisioneiros porque não haviam oferecido resistência. "Como poderíamos enfrentar a sua linha - respondeu o homem todo contrariado - se vocês tinham por detrás aquelas tropas aos milhares?" "Milhares de tropas!" O soldado inglês pôs-se a rir. Pois não passávamos de uma frágil linha de dois regimentos, com nada por detrás". A visão havia aparecido, de um lado, um grande grupo de anjos enviados em sua ajuda, e do lado do inimigo tomou a forma de linhas sucessivas de tropas frescas e defrontá-los subitamente.

Os soldados russos relataram o aparecimento da Virgem Maria com o infante Cristo, antes da batalha de Augustovv. Na Primeira Guerra Mundial, em Ypres, os aliados, em grande desvantagem, se espantaram de ver os alemães recuarem em debandada. Uma visão de três figuras habitualmente descritas como de anjos, foi aparentemente a responsável pela fuga dos alemães. Às vezes se descreviam estas figuras como flanqueadas de espectros guerreiros.

Um soldado britânico nos fala deste aparecimento: Seu regimento, após quarenta e oito horas sem alimento nem água, asfiziado de poeira, esbaforido de calor, aturdido pelas granadas, foi fascinado por uma visão. "E eu pude ver bem distintamente - relatou - três figuras, uma no centro tendo o que parecia asas abertas; as outras duas não eram tão grandes, porém completamente diferentes da do centro. Pareciam ter roupagens compridas e soltas, cor de ouro... Quedamos... vigiando-as durante cerca de três quartos de hora."

Uma das visões mais bem documentadas em campo de batalha, foi a de Mons. Numerosos soldados franceses e ingleses feridos contaram o caso às enfermeiras, e seus relatos tiveram notável repercussão. Haviã sido atacados por uma vaga de alemães e estavam demais desfalcados. Exaustos, com todas as suas forças esgotadas, eles estavam prestes a bater em retirada.

Foi então que viram a nuvem luminosa, da qual apareceu a visão. Todos concordaram em que a alta figura de armadura dourada tinha cabelos compridos e brilhantes, e montava um cavalo branco. Com uma mão brandia uma espada e com a outra sujeitava o lesto ginete. Foi essa figura que lhes inflamou o espírito e os reagrupou para o ataque. Ante o seu deliberado e impetuoso ataque, os alemães fugiram. O único ponto em que as informações divergiam, era sobre a identidade desta figura heróica. Os ingleses diziam que fora São Jorge. Os franceses, com igual convicção, a chamaram a visão de Joana d'Arc, embora outras insistissem que fora São Miguel."

Aparição de pessoa falecida ao lado de seu cadáver

É uma modalidade raríssima. Essa experiência tem sido descrita por vários médiuns videntes e a semelhança dos relatos é impressionante. Segundo esses testemunhos, um vapor se desprende do corpo já sem vida, eleva-se um pouco acima dele, paira a curta distância do cadáver e se condensa numa forma idêntica à da pessoa que acabou de falecer.

Em muitos casos, essa aparição se afasta do local do óbito, acompanhada por outras aparições.

A enfermeira Joy Snell relatou no seu livro "The Ministry of Angel" o processo de desprendimento do espírito de seu corpo físico que acabara de morrer. Diz ela:

"Era o primeiro caso de morte a que eu assistia. Logo que o coração de Maggie deixou de bater, vi distintamente algo semelhante ao vapor que se desprende de uma panela em ebulição, elevar-se-lhe do corpo, pairar a curta distância deste e condensar-se numa forma em tudo idêntica à da minha amiga. Essa forma, de contornos, a princípio, imprecisos, se foi gradativamente delineando, até tornar-se perfeitamente distinta. Envolvia-a uma espécie de cândido véu com reflexos de pérolas e de sob o qual ressaltavam claramente as formas. O semblante era o da minha amiga, mas glorificado e sem vestígios dos espasmos que a tinham torturado na agonia.

Quando, mais tarde, me fiz enfermeira, vocação em que perseverei por vinte anos, assisti a numerosas ocorrências de morte e, imediatamente após o trespasse, observei sempre a condensação da forma etérea por sobre o cadáver, forma sempre idêntica à da humana e que, mal se havia condensado, me desaparecia de vista."

O Juiz Edmonds, no primeiro volume de sua obra "Spiritualism", narra a visão que teve da morte de um cunhado de sua esposa:

"O moribundo havia já exalado o último suspiro, quando vi emergir do seu cadáver aquilo que eu julguei dever ser o seu "corpo espiritual", sob a forma de uma nuvem densa que se elevou acima do corpo, tomando rapidamente um aspecto humano, embora me parecesse desprovido de inteligência e de vida. Subitamente, porém, pareceu iluminar-se e animar-se, tornando-se viva e inteligente. Compreendi que tal se havia dado por ter o Espírito abandonado o corpo somático para entrar no campo espiritual. Desde que isso se deu, o Espírito lançou em torno um olhar surpreso como procurando compreender o que lhe havia acontecido; não tardou muito, porém a se orientar, e a expressão que então iluminou a sua fisionomia demonstrava que a situação já lhe não era estranha. Para tão rápida compreensão de não pouco lhe deve ter valido o que relativamente à vida futura havia estudado aqui na Terra.

Deixou pairar por um instante um olhar de despedida, cheio de afeto, sobre os seus parentes e amigos reunidos junto ao leito mortuário, e elevou-se, em seguida, como que arrebatado em nuvem luminosa. Vi-o desaparecer ao longe, acompanhado de três Espíritos de mortos que o haviam assistido enquanto se formava seu corpo espiritual. Um era o Espírito do filho que lhe havia morrido 24 anos antes; o outro, o de um de seus sobrinhos, e o terceiro o de um desconhecido com aparência de pessoa já de certa idade.”

O Rev. William Stainton Moses também viu o processo de falecimento do seu pai e publicou uma resenha do fato, dias depois, em "Light", de 9 de julho de 1887:

"Ultimamente, pela terceira vez em minha vida, tive ensejo de estudar o processo de transição do Espírito, e tanta coisa consegui observar, que me sinto feliz de poder ser útil narrando o que vi...

Tratava-se de um parente próximo com cerca de 80 anos de idade, que se encaminhava para o túmulo, sem ser arrastado por qualquer enfermidade especial... Por alguns sintomas de aparência insignificante, notei que o seu fim se aproximava e não me descuidei de cumprir o triste dever que me competia...

Auxiliado pelos meus sentidos espirituais, não me foi difícil perceber que, ao redor dele e sobre ele se reunia a aura luminosa com a qual o Espírito deveria constituir o seu corpo espiritual; ia notando que essa aura aumentava rapidamente de volume e densidade, apresentando contínuas variações para mais ou para menos, de acordo com as oscilações que experimentava a vitalidade do moribundo. Dado me foi ainda verificar que, às vezes, um simples alimento ingerido ou mesmo o influxo magnético desprendido de alguém que se aproximava era o bastante para animar momentaneamente o corpo, parecendo determinar um revigoramento dos laços que prendiam o Espírito a este, o que se ia refletir na aura, imprimindo-lhe movimento semelhante ao de fluxo e refluxo.

Observei o fenômeno durante doze dias e doze noites e, embora ao sétimo dia o corpo desse mostras evidentes de dissolução iminente, essa flutuação maravilhosa de vitalidade espiritual, em via de se exteriorizar, persistia sem mudança. A cor da aura, pelo contrário, se havia modificado, além de ir tomando forma mais ou menos definida, à medida que o momento se aproximava da libertação do Espírito.

Somente 24 horas antes do falecimento, quando já o corpo jazia inerte, com as mãos cruzadas sobre o peito, foi que vi aparecerem os "Espíritos-guias", que se aproximaram do moribundo e sem qualquer esforço, ajudaram o Espírito a se desprender do corpo esgotado.

Ao mesmo tempo que isso se dava, os assistentes constatavam a morte do corpo. E' possível que assim fosse. Com efeito, o pulso e o coração não davam mais sinal de vida, a respiração não mais embaçava o espelho, mas os cordões magnéticos ligavam

ainda o Espírito ao corpo e, assim, permaneceram durante 86 horas. Estou bem certo de que, se durante esse tempo, dentro de condições favoráveis, uma vontade forte houvesse agido no sentido de compelir o Espírito a voltar ao corpo, a ressurreição de Lázaro ter-se-ia repetido. Os cordões afinal se romperam e os traços do defunto, nos quais até então se liam os sofrimentos curtidos, serenaram completamente tomando uma expressão inefável de paz e de descanso.”

Alex Tanous afirmou que, em diversas ocasiões, “vira uma névoa informe desprender-se de uma pessoa que morria”.

Aparição de animal

É de animal vivo ou morto e, na maioria das vezes, de gatos e cachorros.

Conta Bozzano que Camilo Flammarion comunicou aos “Annales des Sciences Psychiques” (1912, pag. 279), o seguinte caso que lhe foi narrado e enviado pelo Sr. G. Graeser, residente em Lausanne, na Suíça:

*“Permiti-me relatar-vos um pequeno fato que diz respeito às manifestações de que falais no vosso livro **L'Inconnu et les problèmes psychiques**. Não vos falaria dele se tivesse visto um caso semelhante na supracitada obra.*

Não se trata de uma pessoa, mas de um animal... Um pouco solitário, amando o estudo e não o mundo, não tenho amigos, mas tive um só: um cão, que era mais inteligente do que muitos homens. Era o meu guardião. Durante a noite, quando ficava sozinho e contemplando o céu, ele estava fielmente deitado aos meus pés, como seu espesso pêlo (era um São Bernardo) me cobrindo as pernas, de forma que me era difícil mexer quando precisava seguir a marcha de uma estrela. Se estivesse no meu quarto e lendo, ele ficava sentado, olhando-me, e eu direi mesmo que me compreendendo. Sentia que ele gostava tanto da solidão quanto eu, por isto não nos separávamos.

Vou fazer-vos esta exposição para que possais compreender a minha afeição por ele e porque o considerava como um amigo.

Eis, pois, a minha narração:

Foi em dezembro de 1910, precisamente no dia 14, que minha mãe levou o meu Bobby com ela. Devo notar, antes de tudo, que tinha o desagradável costume, quando alguém se aproximava, de se mostrar para com ele um tanto agressivo; em segundo lugar, que, quando eu questionava com meu pai, ele tomava parte na disputa e se colocava seriamente ao meu lado.

Por motivo de uma queixa, penso eu (só o soube muito tarde, a meu pesar), meus parentes resolveram mandar abatê-lo.

Aconteceu numa noitinha, às 7 horas e meia. Eu estava no meu quarto e ouvi a porta abrir-se (ele a abria sozinho, pois era tão alto como eu, medindo 1 metro e 80). Então, escutei a porta abrir-se e vi aparecer o meu Bobby, com ar de sofrimento, no limiar da porta. Gritei: "Vem, Bobby!", sem levantar os olhos, mas ele não me obedeceu. Repeti então a minha ordem e ele veio, esfregou-se nas minhas pernas e deitou-se no tapete. Quis acariciá-lo, mas... ele não estava lá.

Ainda que eu nunca tenha lido histórias iguais em L'Inconnu, precipitei-me para fora de meu quarto, deixando a porta ainda aberta, e telefonei para Lausanne (2 quilômetros), ligando para o Galpão do Abatedouro, e eis textualmente o meu rápido diálogo:

- Alô, fala do Abatedouro.

- O senhor viu aí uma senhora de preto com um cão São Bernardo?

- Acaba-se de abater um deles, há dois minutos apenas. Está deitado e a senhora perto.

A estas palavras, caí de costas e desmaiei. Quando voltei ao meu estado normal, chamei pelo meu cão. Ele não se achava lá, estava morto. Depois me foi contado todo o drama.

Tal é a história de meu Bobby. É de se notar que, no mesmo minuto em que morria, eu o via com os meus próprios olhos e o que afasta qualquer idéia de alucinação é a porta aberta por ele próprio.

(O Sr. Flammarion pediu a um professor da Universidade de Lausanne que fizesse um inquérito sobre o caso, sendo-lhe confirmada a narrativa do jovem Sr. Graeser)."

Bozzano cita outro caso, agora de aparição de animal vivo à sua dona:

O Rev. Elllis G. Roberts enviou à Light (1922, pág. 241) a narração de um incidente supranormal acontecido à sua filha e escrita por esta mesma nos seguintes termos:

Eu possuía um fox-terrier irlandês chamado "Paddy" e havia entre nós uma afeição recíproca. Certa manhã ele não apareceu para a primeira refeição e não fiquei preocupada porque tinha o costume de ir passear sozinho, embora fosse quase sempre regular na hora da comida. Pelas 9 horas, achava-me na cozinha que se abre sobre uma pequena arcada, de onde, por uma outra porta, se passa à despensa. A porta exterior estava aberta e da posição que ocupava eu podia ver diretamente o jardim. Era uma manhã ensolarada e a terra estava coberta de neve. Olhando para fora, vi Paddy chegar pulando sobre a neve, atravessar o jardim, entrar na arcada e

desaparecer na despensa. Eu o segui, mas não o encontrei em parte alguma. Espantada e perplexa, voltei para a cozinha, onde se achavam diversas pessoas que, nada tendo visto, queriam convencer-me de que eu havia tomado por Paddy um outro cão de raça dálmata, de pêlo malhado, muito mais gordo do que Paddy e muito diferente de um fox-terrier irlandês. Esse animal ficava também na casa. Estava apegada a uma tentativa de explicação, que me parecia absurda: eu havia percebido, no fundo brilhante da neve, o meu cãozinho, observando bem o contraste entre o seu pêlo negro e a brancura do meio. Voltei a procurá-lo por todas as partes, mas inutilmente. Paddy não estava na casa.

Cerca de uma hora e meia, vi Paddy chegar em condições deploráveis: tinha pedaços de pêlo arrancados do peito e das pernas e quatro a cinco dentes lhe faltavam da boca. Evidentemente o coitado do animal tinha sido assaltado e maltratado sem piedade, porém nós nunca chegamos a saber o que lhe tinha sucedido. Morreu alguns meses após, mas não creio, entretanto, que a morte tenha sido causada pelas feridas."

O percipiente

O percipiente, via de regra, é uma pessoa, mas pode ser também um animal.

O percipiente, no momento da experiência, está, geralmente, em estado normal. Fatores externos como a telepatia e as condições ambientais, e fatores internos, como as necessidades emocionais, o medo, a imaginação podem desencadear o fenômeno. Porém, a aparição pode ser vista em sonho, porque nem sempre o percipiente pode distinguir, com certeza, se estava em estado de vigília ou sonhando acordado. Em outros casos, a aparição em sonho é indubitável e são muitos os casos dessa natureza.

As aparições podem ser percebidas:

- a) por uma pessoa
- b) por mais de uma pessoa
- c) por uma pessoa e um animal
- d) somente por um animal

Aparição percebida por uma só pessoa

É a regra geral.

Há relatos de pessoas que tiveram um curto diálogo com a aparição ou apenas escutaram o que ela lhes disse.

Outras afirmam que tocaram na aparição ou foram tocadas por elas, o que lhes deu a forte impressão de sua materialidade.

G. N. M. Tyrrell observou que, em todos os casos que investigou, somente em um deles a pessoa conseguiu tocar na aparição. A regra é a aparição tocar no percipiente, ou melhor, o percipiente sentir-se tocado pela aparição.

As aparições podem ser percebidas não só por pessoas fisicamente sadias, mas também por aquelas que estão gravemente enfermas, como os moribundos.

O primeiro estudo sistemático sobre aparições vistas por moribundos foi realizado por William Barret a partir de 1924.

Mais de trinta anos depois, em 1959, Karlis Osis, com o patrocínio da Parapsychology Foundation, iniciou, com êxito, uma monumental pesquisa que durou cerca de um ano, tendo coletado 1.300 casos de aparições no leito de morte de moribundos.

Karlis Osis e Erlendur Haraldsson observaram que, na aparição vista apenas pelo moribundo, ele estava, na maioria dos casos e sob todos os aspectos, perfeitamente lúcido. E, em plenitude de consciência, afirmava que a aparição vinha levá-lo para o outro mundo. As aparições eram, na quase totalidade dos casos, de mãe, pai, cônjuge ou irmãos já falecidos do moribundo. Osis e Haraldsson notaram que “nenhuma pessoa viva, aparecida a um paciente, manifestou a intenção de o levar”.

Osis e Haraldsson advertiram que “as experiências de aparição só foram observadas num número restrito de moribundos”.

Em outros casos, as aparições são de figuras religiosas (Jesus, Maria, Buda) ou de seres transcendentais, como os anjos.

Algumas pessoas observaram aparições no leito do moribundo sem que este as percebesse e sabiam, por sua experiência, que a morte do enfermo estava próxima ou iminente.

Joy Snell, que era enfermeira diplomada e escreveu um famoso livro intitulado “The Ministry of Angels”, afirmou que “nem um só paciente morreu sem que eu percebesse à sua cabeceira uma ou mais formas angélicas que acorriam para receber o espírito liberto e o conduzir à sua nova morada em uma nova esfera de vida”.

Aparição percebida por mais de uma pessoa

A pesquisa da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, de Londres, em 1892, revelou que 9% das aparições são complexas. Ou seja: as aparições foram vistas por mais de uma pessoa simultaneamente. Tyrrell assegura que encontrou cerca de 130 casos dessa modalidade.

Flammarion relatou um caso de aparição de um pai a seus filhos e a mãe deles que lhe foi enviado pela Viscondessa de Breuil, do Mans, em 25 de julho de 1920.

"Houve diretamente o caso da pessoa que o testemunhou conjuntamente com toda sua família. Ela é filha de um ferreiro empregado da Condessa Augusto de Las Cases desde sua infância, tendo sempre merecido estima de todos.

Quando menina, habitava, assim como seus irmãozinhos e suas irmãs, no mesmo quarto que a sua mãe. Esta, viúva de pouco tempo, repousava a cabeça, voltada para a parede, não vendo, por conseguinte, o que se passava no quarto, mas ouvia seus filhos a se agitar e a gritarem:

- Está aí papai! Está aí papai!

- Calem-se e durmam, meus filhinhos - disse-me ela - vocês bem sabem que seu pai está no Céu.

Mas as crianças gritavam sempre:

- Papai está aqui! Olha o papai! - e uma das pequenas batia nas mãos, alegre por ter voltado seu pai.

A viúva decidiu então e voltou-se para o quarto, vendo então seu marido que lhe falou; disse-lhe entre outras coisas que, se tivesse acreditado na imortalidade da alma, teria tido comportamento diverso, e lamentava não ter tido essa crença. Tomou-lhe a mão e apertou-a com força.

Não conheço outros pormenores deste caso, mas parece-me muito notável, tendo como testemunhas muitas crianças e a mãe destas, cuja mão fora tão magoada pelo aperto de mão do fantasma que foi preciso fazer-lhe curativos durante vários dias.

Acrescentou que a narradora desse fato é pessoa muito calma, leal, sincera e que conheceu todos os pormenores do fato desde sua infância. Posso, por consequência, autorizá-lo a publicar esta narração que certifico ter recebido diretamente da filha do fantasma. Autorizou-o a indicar meu nome e meu endereço se o senhor o julgar necessário."

Scott Rogo narra um caso apresentado por Karlis Osis na 26ª Convenção Anual da Parapsychological Association em 1983:

"Como as partes envolvidas no relato insistissem em anonimato absoluto, o dr. Osis precisou disfarçar suas identidades. O caso gira em torno da morte de um homem de negócios casado, de meia-idade, chamado Leslie, que era pai de quatro filhos. A outra persona dramatis na história era o filho falecido de Leslie, Rusty, que morreria criança dezoito meses antes da morte do pai, em 1982, quando o avião particular que

estava pilotando na parte sul dos Estados Unidos caiu. O que efetivamente causou o acidente é ainda desconhecido e a família foi informada do fato no dia seguinte. A principal preocupação da família, além de seu pesar, era em relação à idosa mãe de Leslie, Marge, que tinha problemas de saúde. Temiam que a notícia da morte fosse um choque muito grande para ela. Uma amiga da família partilhava dessa preocupação. Sendo devotamente religiosa, pediu a sua mãe - que tinha a mesma idade que a mãe de Leslie - que rezasse pela alma do falecido. Essa mulher sabia que a mãe de Leslie era materialista e não acreditava em coisas psíquicas ou espirituais. Por isso, dirigiu suas orações ao homem falecido e pediu-lhe que aparecesse a sua mãe como um "sinal" pessoal de sua continuada existência. Pediu também em suas orações que, como sinal pessoal a ela, ele aparecesse dando a mão a seu filho recentemente falecido. A mulher não falou a ninguém, exceto a seu marido, sobre suas orações e repetiu o pedido umas três vezes nos dois dias seguintes.

Marge estava em seu quarto umas dez horas depois de serem concluídas essas orações. Acordou repentinamente e viu duas formas de aparição aos pés de sua cama.

"Ali estava ele, Leslie, com o bebê, disse ela posteriormente ao dr. Osis, e ele estava segurando a mão do bebê... Estavam aos pés da cama. Um olhava para o outro. Eu estava então perfeitamente acordada. Os dois estavam contentes, estavam felizes por terem-se encontrado, por estarem juntos. E estavam fazendo saber que era assim. Eu tive esse sentimento."

Ela explicou também ao dr. Osis:

Eles eram sólidos. Havia um tom cinza em volta, como uma nuvem cinzenta ao redor deles. Eu diria que era um nevoeiro no quarto inteiro, nada em que se pudesse tocar, só o tom cinza em volta deles. Mas eles eram sólidos, os dois. O quarto estava escuro, luz elétrica vinha de fora através da veneziana... mas eu não precisava de luz para vê-los. Há muito trânsito na minha área. A qualquer hora há caminhões e ônibus. Então, não havia um único som, tudo estava excluído naquele momento, tudo, como se o mundo estivesse parado. E não havia ninguém, senão nós três, no mundo.

Eu os sentia, como se eles estivessem soprando em mim, soprando minha vida em mim. Ele estava dando minha vida de volta. E esse é o sentimento mais duradouro. Eu nunca esquecerei isso. Eles simplesmente estavam lá, creio eu, para dar-me paz de espírito. Realmente ajudava. Eu ainda não superei a dor, mas aquilo me tornou capaz de viver tempos muito difíceis, sem matar-me, porque eu estava muito abatida. Tentei conservá-los mais tempo e eles simplesmente partiram. Tornaram-se menores e desapareceram.

Mas Marge não foi a única pessoa que experimentou uma visita fantasmal naquela noite. A sobrinha de Leslie, de seis anos, morava a umas cem milhas de distância. Ela sabia da morte de seu tio e viu sua aparição três horas, antes da visita a Marge. Posteriormente disse ao dr. Osis que estava "em pé e acordada quando vi uma

nuvem em meu quarto e lá estavam Leslie e Rusty de mãos dadas. Pareciam apenas normais... parecia exatamente ele (Leslie)". É interessante que a mulher que rezou para Leslie dificilmente poderia ter pensado na menina, pois nem sequer sabia que ele tinha sobrinhos.

O dr. Osis acha que a hipótese de super-ESP precisaria ser estendida completamente fora de proporções para explicar este caso.

Marge realmente não reagiu à pretensa mensagem telepática senão várias horas após ela ter sido (supostamente) enviada. O dr. Osis achou também estranho que a sobrinha tivesse reagido a tal mensagem, pois ela nem sequer conhecia a mulher que a teria transmitido. Não parece também que ela tivesse captado a informação da mãe de Leslie, pois a experiência da menina ocorreu horas antes da de Marge. As duas não eram sequer muito íntimas."

Ernesto Bozzano relata casos em que o moribundo e outras pessoas presentes percebem a mesma aparição.

Há um caso clássico em que a aparição de pessoa viva foi vista simultaneamente com o seu corpo físico, algumas vezes, na presença de várias pessoas. As testemunhas observaram uma espécie de duplicata do corpo físico, razão pela qual se deu à aparição o nome de *duplo*.

Em 1845, na Livônia, entre Riga e a pequena cidade de Volmar, existia o pensionato de Neuwelcke, destinado a jovens nobres. Entre as suas professoras, uma francesa, Emilie Sagée, natural de Dijon, havia sido admitida e os diretores mostravam-se satisfeitos com a sua competência profissional.

Após algumas semanas, as alunas começaram a vê-la, simultaneamente, em locais diferentes, causando perplexidade entre elas. A repetição do acontecimento afastou a hipótese de um mero engano ou fantasia e as alunas falaram do caso às outras professoras.

Um dia em que ela dava aula e escrevia no quadro, treze alunas viram de repente, um duplo de Emilie Sagée, que lhe imitava todos os gestos. A única diferença era que apenas a Emilie verdadeira tinha um pedaço de giz na mão.

Os fenômenos continuaram a acontecer. O duplo da professora estava por vezes de pé, atrás da sua cadeira, enquanto ela comia, mas sem garfo nem faca, sendo o fato presenciado pelas alunas e criadas que serviam à mesa.

Nem sempre o duplo imitava prontamente os movimentos de Emilie. Por vezes, quando ela se levantava da cadeira, o duplo continuava sentado.

Um dia, quarenta alunas estavam num salão, em volta de uma grande mesa, fazendo trabalhos de costura e observavam também Emilie ocupada em apanhar flores no jardim. Na extremidade superior da mesa, estava uma outra professora, encarregada da vigilância. Em dado momento, ela ausentou-se da sala e a cadeira ficou vazia. Mas, de repente, as alunas perceberam, naquele lugar, o duplo de Emilie. De imediato, olharam para o jardim e viram-na colhendo flores, porém lentamente, como se estivesse muito fatigada. O duplo sentado tinha uma tal aparência de realidade que levou duas das alunas mais ousadas a aproximarem-se da cadeira e tocar na aparição. Elas sentiram uma resistência comparável a um tecido de crepe ou de musselina. A forma, em seguida, desapareceu gradualmente e, de logo, as alunas observaram que Emilie continuava a apanhar as flores, porém com a vivacidade habitual.

Quando, depois, algumas das alunas lhe perguntaram se tinha sentido alguma coisa de particular, ela lhes respondeu que pensara, ao ver a cadeira vazia, no que aquelas jovens poderiam fazer, sem fiscalização.

Estes acontecimentos, por sua freqüência, resultaram no afastamento de muitas alunas do pensionato e, ao fim de dezoito meses, só restavam doze das quarenta e duas alunas. Em vista disso, os diretores tiveram de despedir a professora, que, em seu desespero, lamentou ser essa a nona ou décima vez que isso lhe tinha acontecido, desde o início da sua carreira no magistério e em razão dos mesmos fenômenos.

Cansada, por fim, de suas peregrinações, ela refugiou-se em casa de uma cunhada, cujos filhos com três e quatro anos, diziam que viam duas tias Emilie.

Aparição percebida por uma pessoa e um animal

Pode ser de pessoa viva, ou que acabou de morrer, ou falecida há algum tempo.

Os casos são raríssimos. Bozzano relatou alguns desse gênero. Um deles, foi transcrito de uma narração de Alexandre Aksakof, publicada nos Proceedings of the S.P.R., volume X, pags. 387/391.

Diz Bozzano:

"Acréscimo, para plena compreensão do acontecimento, que o caso aqui relatado se refere à história de contínuas aparições tidas por uma moça de nome Palladia, falecida aos quinze anos de idade.

O narrador, Sr. Mamchitch, foi o principal percipiente dele e assim o descreve:

Em 1858, eu morava com meus pais na região de Poltava. Uma senhora de nossas relações viera passar alguns dias conosco, trazendo as suas duas filhas. Algum tempo depois da chegada delas, quando acordei de manhã, vi Palladia (eu dormia numa ala separada onde ficava sozinha) diante de mim, a cinco passos mais ou menos,

olhando-me com um sorriso alegre. Aproximando-se de mim, disse-me duas palavras: "Eu vi." E, ainda sorrindo, desapareceu. Não pude compreender o que significavam estas palavras. No meu quarto, perto de mim, dormia o meu cão, que, desde que vi Palladia, eriçou o pêlo e, com um grunhido, pulou para a minha cama, premendo-se contra o meu corpo e olhando na direção onde vira Palladia. O animal não ladrava, quando, habitualmente, não deixava entrar ninguém no quarto sem latir, ou rosnar. E, todas as vezes que o meu cão via Palladia, ele se comprimia contra mim como que procurando um refúgio.

Quando Palladia desapareceu, fui para o andar inferior e não disse nada a ninguém. Na tarde do mesmo dia, a filha mais velha da senhora que se achava em nossa casa me contou que uma coisa estranha lhe tinha acontecido pela manhã: "Acordando cedo senti como se alguém se colocava na cabeceira de minha cama e ouvi distintamente uma voz me dizendo: "Não tenha medo, sou boa e carinhosa". Virei a cabeça, mas não percebi nada. Minha mãe e minha irmã dormiam tranqüilamente e isto me espantou bastante, porque nada de semelhante nunca me aconteceu". Disse-lhe que muitas coisas inexplicáveis nos acontecem, porém não lhe falei sobre o que vira pela manhã. Só um ano mais tarde, quando já era seu noivo, falei-lhe da aparição e das palavras de Palladia no mesmo dia. Não é que ela a veio ver também? Devo acrescentar que eu via essa moça pela primeira vez e que jamais pensara que ia casar-me com ela."

Rupert Sheldrake realizou experimentos que constataram a existência de relações telepáticas entre animais domésticos - principalmente cães e gatos - e seus donos, o que, no seu entender, é mais uma evidência experimental de sua teoria dos campos morfogenéticos.

Durante um experimento em laboratório, Blue Harari procurou influenciar um gato, que se encontrava em outro aposento, e o animal pareceu perceber a sua presença psíquica.

Flammarion transcreve o seguinte caso, que lhe foi remetido por Maria de Thilo, Doutora em Medicina em Saint Jamien, na Suíça:

"Uma de minhas amigas de estudo (eu sou doutora) tinha ido às Índias como médica missionária. Perdemos-nos de vista, como por vezes acontece, mas nos amávamos sempre.

Na manhã de 28 para 29 de outubro (eu estava nessa ocasião em Lausanne), fui acordada antes das 6 horas por batidinhas dadas em minha porta. Meu quarto de dormir dava para um corredor e terminava na escada do primeiro andar. Eu deixava minha porta entreaberta para que um grande gato branco, que eu possuía, pudesse ir à caça durante a noite (a casa era um formigueiro de ratos). Repetiram-se as pancadas. A campainha não soara e eu não sentira subirem a escada.

Por acaso meus olhos pousaram sobre o gato que ocupava seu lugar de costume ao pé da minha cama: estava ele sentado, com o pêlo eriçado, tremendo e rosnando. A porta agitou-se como impelida por um ligeiro golpe de vento e vi aparecer uma forma envolta em uma espécie de tecido vaporoso branco, como um véu sobre uma sombra escura. Não pude distinguir bem o rosto. Ela aproximou-se: senti um sopro glacial passar por mim, ouvi o gato rosnar furiosamente. Instintivamente fechei os olhos e, quando os reabri, havia tudo desaparecido. O gato tremia por todo corpo e estava banhado de suor.

Confesso que não pensei na amiga que se achava nas Índias, mas em uma outra pessoa. Cerca de 15 dias mais tarde, soube da morte de minha amiga, ocorrida na noite de 29 para 30 de outubro de 1890, em Srinagar, Kashmir. Vim mais tarde a saber que sucumbira em consequência de uma peritonite."

Eis um caso de aparição de pessoa viva percebida por uma pessoa e um animal.

Diz Bozzano que o mitólogo e sociólogo Andrew Lang , no Journal of the Society for Psychical Research (vol. XIII, pag. 28) o seguinte fato observado pela sua sobrinha, a qual lhe escreveu, em 8 de outubro de 1906.

"Cheguei a este país a 4 de agosto; 2^a-feira 6, estive no Monte Pen, onde, pela primeira vez, vi um espírito. Achava-me acompanhada de meu velho cão Turk e subia a encosta muito lentamente, parando várias vezes, devido às pernas curtas do meu companheiro e à sua respiração difícil, isto tanto mais que o mato era rasteiro e duro. Havia marcado um último descanso no lugar em que o Pen erige bruscamente o seu cimo imponente. Estava sentada com as costas voltadas para o dique e com o rosto para a costa rochosa, enquanto Turk estava sentado, ofegante, aos meus pés.

Repentinamente vi chegar em minha direção minha amiga a doutora H., com a qual fiz a viagem de volta da América, em 1905. Vestia uma saia curta, azul, com um corpete de algodão branco. Estava sem chapéu e trazia uma bengala na mão. Quando se achou perto de mim, notei uma mecha de cabelos caída sobre a testa. Soube, quinze dias antes, que ela voltara da América para a Inglaterra, de onde devia partir novamente a 12 de setembro e que se propunha ir até a Cornualha para rever os seus pais, porém eu ignorava quando ela voltaria. Fiquei de tal modo surpresa por reencontrá-la naquele lugar que, durante um instante, não me mexi e não pude articular uma só palavra, mas Turk fez-me voltar a mim, rosnando contra a recém-vinda. Então levantei-me com um salto, exclamando: "A Sra, aqui, doutora H.?" A estas palavras, a doutora se voltara, olhando-me, e, em seguida, continuou tranqüilamente a descer pelo atalho que eu acabara de subir. Surpresa com a sua atitude, pois estava certa de que ela me havia visto, segui-a com a intenção de detê-la. Esperando, Turk não parara de rosnar e de latir, mas sem se afastar de mim, embora de hábito ele avance, rosnando, contra as pessoas e os cães que lhe são desconhecidos. Observei que os pêlos do seu dorso estavam eriçados e que a sua cauda estava arqueada feito um gancho. Quando eu a alcancei e ia estender o braço para pôr a mão

sobre o ombro dela, um grande inseto zumbidor se interpôs entre nós, voando através do seu corpo! Então vi a doutora desaparecer. Naturalmente que fiquei perplexa e consternada, pois então não havia tido a menor idéia de que não se tratava de minha amiga em carne e osso. Sem Turk, eu teria duvidado dos meus sentidos, mas, nestas condições, não era possível, já que o cão se mostrara incontestavelmente irritado e rosnando contra alguém. Juro-lhe que estou gozando de boa saúde, que nunca me senti tão bem e que há um ano só bebo água. Não posso precisar o minuto em que vi a aparição, mas, como quando me sentei, eram 6 horas e 5 minutos do cair da tarde, deduzi daí que deviam ser 6 horas e 15, talvez um ou dois minutos mais, quando a vi desaparecer.

Apanhei rapidamente o lápis e tomei nota do estranho fato num envelope que tinha no bolso. Logo que voltei para a minha casa, ditei a narração detalhada do sucedido. Naturalmente que escrevi desde ontem à doutora, perguntando-lhe o que ela fazia em tal dia e tal hora em que me apareceu. Logo que tenha respondido, eu lhe informarei a respeito."

Ficou, depois, comprovado que, no dia 6 de agosto de 1906, às 6 horas da tarde, a Dra. H. descia a colina do Tintagel, vestindo uma saia azul, sem chapéu, e no braço um traje de banho.

Aparição percebida somente por um animal

Eis um raríssimo caso, relatado por Bozzano, e colhido de *Les Annales des Sciences Psychiques* (1916, pag. 149), que sugere a aparição de uma pessoa apenas percebida por um animal. Diz Bozzano que o fato foi narrado em uma carta particular que a Sra. Esperanza Payker enviou em 17 de dezembro de 1916, de Zurique, Suíça, a uma das suas amigas, e se refere à morte, na guerra, de um irmão da remetente da carta, transcrita em sua passagem essencial:

"Você me pede notícias de Richard. Ele faleceu, infelizmente, combatendo contra os russos. Ele, o cosmopolita, que queria ver em todo homem um irmão! No momento de sua morte, aconteceu um fato que não pode deixar de interessar-lhe. Você se lembra de Kacuy (o cão de Richard). Pois bem, às 7 horas da noite, de 13 de agosto último, ele estava como adormecido aos meus pés. Repentinamente, levanta-se e corre para a porta, sacudindo a cauda, latindo e pulando como se fosse receber uma pessoa conhecida, mas, subitamente, retirou-se espantado, uivou lastimosamente, gemeu, tremeu, voltou a deitar-se aos meus pés, sem deixar de gemer a noite inteira. Na manhã do dia seguinte, abandonou a casa e nunca mais foi visto.

Ora, a estranha manifestação do cão coincidiu exatamente com a hora em que Richard tombava gravemente ferido e o desaparecimento dele se deu na hora da morte do seu dono."

Aparição de animal

A aparição de animal pode ser percebida:

- a) por uma pessoa
- b) por mais de uma pessoa
- c) por uma pessoa e um animal

Aparição de animal percebida por uma pessoa

Esse caso, relatado por Bozzano, foi publicado nos Proceedings of the Society for Psychical Research e narrado pela Sra. Gordon Jones:

"Sempre tive uma grande aversão pelos gatos, aversão que herdei de meu pai, que não suportava a presença deles. Nunca os tolerei na minha casa até o dia em que ela foi invadida por um bando de ratos. Fui buscar um gato comum cujo pêlo era riscado de listras cinzas e pretas, mas nunca me ocupei com ele e nunca permiti que subisse até o andar superior da casa.

Certo dia foi-me dito que o gato estava com raiva e pedida a minha autorização para que o suprimisse, afogando-o. Não tive a força moral para ir certificar-me se a informação era verdadeira e, sem mais, concedi a permissão. Pouco depois, foi-me comunicado que o criado da cozinha afogara o gato numa caldeira. Como jamais gostei do animal e não era meu companheiro habitual, seu desaparecimento me deixou indiferente.

Na tarde do mesmo dia em que o gato foi morto, encontrava-me sozinha na sala de jantar mergulhada na leitura (estou bem certa de que não pensava em gatos, nem em fantasmas), quando de repente tive o impulso de levantar os olhos e de olhar para o lado da porta. Vi, ou acreditei ver, que a porta se abria lentamente deixando entrar o gato sacrificado de manhã. Era ele mesmo, não havia dúvida alguma, mas parecia ter emagrecido e estar todo molhado e pingando água. Apenas a expressão do seu olhar não era mais a mesma, porque me olhava com olhos humanos tão tristes que me causaram pena. Seu olhar me ficou gravado na memória como uma obsessão. Estava tão certa do que via que não duvidei de me achar na presença do gato real, escapado do afogamento. Toquei a campainha chamando a camareira e, logo que ela se apresentou, eu lhe disse: "Há um gato ali, leve-o para fora." Parecia-me impossível que a doméstica não pudesse ver o gato, porque eu o via tão nítido e sólido quanto a mesa e as cadeiras, mas ela me olhou espantada e me disse: "Madame, eu estava presente quando William levou o gato já morto para o jardim a fim de enterrá-lo." "Mas ele está lá, acrescentei, não vê perto da porta?" A camareira não via nada e, pouco depois, o gato começou a tornar-se transparente e a desaparecer lentamente, tão bem que eu acabei por não o ver mais."

Aparição de animal percebida por mais de uma pessoa

Bozzano recolheu esse caso do Journal of the Society for Psychical Research (vol. XV, pág. 249) rigorosamente documentado e remetido àquela instituição durante a semana em que o mesmo se verificou. Ele é assim descrito pela Srta. B. J. Green:

“Minha irmã H. J. Green tinha uma gata de que gostava muito. Era de raça persa puro-sangue, pêlo cinza-azulado característico, pequenas proporções, e seu nome era Smoky. Não havia na aldeia outro gato da mesma raça ou que apenas lhe parecesse. Durante a primavera, ela caiu doente e morreu para o meio de junho de 1909. O jardineiro a enterrou numa platibanda do jardim, plantando no seu túmulo um pé de dália. Algum tempo antes da morte dela, a gata fora atacada e maltratada por um cachorro que lhe tinha quebrado algumas costelas. Em consequência desse incidente, ela caminhava coxeando com o corpo curvado e a sua morte foi em resultado das feridas recebidas.

Terça-feira, 6 de julho de 1909, achava-me sentada à mesa almoçando com a minha irmã e lendo, em alta voz, uma carta. Tinha as costas voltadas para a janela, que estava à direita de minha irmã. De repente vi que ela olhava para fora da janela, com uma expressão de espanto quase misturada à de medo e perguntei-lhe: “Que é que há?”, e ela me respondeu: “Vejo a Smoky, que anda no meio do mato”. Precipitamos para a janela e percebemos efetivamente a Smoky que parecia muito doente, tinha o pêlo eriçado e os olhos assustados. Caminhava coxeando através da platibanda defronte da janela, a três ou quatro metros de nós. Minha irmã chamou por ela, mas, como a gata não parecia ouvir, correu para ela continuando a chamá-la. Permaneci na janela e vi a gata se encaminhar para uma alameda que conduzia ao fundo do jardim. Minha irmã seguiu-a chamando sempre por ela, mas, com grande espanto seu, a Smoky não se voltou nunca, como se não ouvisse nada e, em um dado momento, meteu-se dentro de uma moita e a minha irmã não a viu mais. Depois de uns dez minutos, a minha irmã e uma amiga, que se hospedara por algum tempo em nossa casa, viram novamente a Smoky que caminhava na relva bem defronte da janela. Minha irmã saiu para encontrar-se com ela, mas não a viu mais. Depois de meia hora, a gata apareceu no corredor que leva à cozinha e foi vista pela empregada que apanhou uma vasilha de leite e foi em sua direção para dar-lhe a beber, mas a gata continuou o seu caminho e saiu no jardim, desaparecendo diante dela.

A consequência dessas visões foi que nós fomos interrogados se não houvera algum equívoco a respeito da morte da gata, embora a nossa amiga, o jardineiro e uma jovem doméstica tivessem visto seu cadáver. O jardineiro ficou mesmo tão indignado com a suspeita de que não havia enterrado o cadáver que foi na sepultura, arrancou a dália e exumou o cadáver de Smoky.

Nós não sabemos o que pensar desse acontecimento, que teve quatro testemunhas: Srta. B. J. Green, Srta. H. L. Green, Srta. Smith e Kathleen B. (a empregada). Minha irmã contou que, quando ela seguiu a gata na primeira vez, ela caminhava muito depressa, mas capengando de um lado, como fazia antes de sua morte.”

Bozzano cita o caso relatado pelo Sr. James Coates, e publicado, em 1915, pela *Light*.

*“Durante o verão de 1867, achava-me em Rothsay com a minha família. Meu cunhado, George Anderson, de Glasgow, me remetera de presente um belo cão da raça **collie**. Era um animal muito vivo e, infelizmente também, indisciplinado. Eu não tinha muita paciência para o educar e "Rover" muitas vezes se metia e a nós todos em embaraço devido aos seus modos.*

Tínhamos então o hábito de ir pescar à tardinha na baía de Glenburno. O cão nos acompanhava e, quando entrávamos no pequeno barco, ele esperava por nossa volta, errando livremente pela praia. Tudo foi bem durante cerca de um mês, mas um dia o chefe de polícia mandou-me procurar não oficialmente para me dizer que um cão idêntico ao meu havia espantado um cavalo atrelado a uma carruagem e que essa virara com a dama que nela se achava. Em consequência disto, o chefe de polícia me persuadiu a desfazer-me imediatamente do animal, se eu não quisesse incorrer em outras penalidades. Não havendo nenhum meio de subtrair-me a esta intimação, enviei o cão a um funcionário da polícia com a ordem expressa de levá-lo à baía e de ali afogar o pobre do animal.

Fiquei bastante triste com a sorte imposta ao nosso Rover e meus filhos ficaram desolados, porque o animal se ligara a eles de uma maneira especial, mas devia-se obedecer à lei.

Continuamos a ir pescar todas as tardinhas. No terceiro dia da morte forçada de Rover, quando estávamos de volta, a pouca distância da porteira da entrada da casa todos nós três exclamamos ao mesmo tempo: "Olha lá o Rover!". Sim, ele estava lá, com efeito, à nossa espera, no solar da casa. Evidentemente o homem encarregado de suprimir o animal não o fizera. Era o que pensei logo, e era bem natural que eu assim pensasse, pois que o Rover estava diante de nós, perto da gamela, sacudindo a cauda e nos olhando com um ar alegre. Abrimos a porteira e nos dirigimos para ele, mas, repentinamente, vimos que desaparecia. Não podia haver dúvida no fato de que nós o havíamos visto efetivamente, seguramente, todos nós três. Minha esposa insiste em afirmar que o cão parecia fosforescente, mas, para mim e para a nossa filha, era o nosso Rover, nem mais nem menos.

Mesmo se devêssemos passar por crédulos, persistimos em estar convencidos de ter visto, simultaneamente, o fantasma objetivo de nosso cão Rover, pois parecia a tal ponto natural que eu não podia supor senão que o funcionário, ao qual eu o enviara, não o matara. Não tenho uma explicação para fazer valer de modo especial. Observo, unicamente, que o fato, para três pessoas, de ver coletivamente um cão que tinha sido afogado três dias antes, constitui uma prova de sua sobrevivência, mais convincente do que tantas outras que nós, espíritas, aceitamos como suficientes no decurso de nossas sessões.”

Aparição de animal percebida por uma pessoa e um animal

Bozzano cita um caso interessantíssimo, publicado pela revista inglesa Light (1915, pag. 215) e relatado pelo Rev. Charles L. Tweedale:

“Pelas 10 horas e meia da noite, minha esposa subiu para o seu quarto e, arrumando os travesseiros, lançou o olhar para os pés da cama. Então percebeu ali um grande cão preto, ereto nas suas patas, que pôde distinguir em todos os seus detalhes. Quase ao mesmo tempo, nosso gato, que havia seguido a sua dona na escada, penetrou no quarto e, vendo por sua vez o cão, deu um pulo, arqueando o dorso, eriçando a cauda, bufando e arranhando o ar. Saltou em seguida para cima do toalete colocado num canto do quarto e se refugiou detrás do espelho do móvel. Pouco depois, o cão-fantasma desapareceu e a minha mulher, querendo certificar-se se o gato não era, por sua vez, de natureza fantasmática, se aproximou do toalete, olhando para trás do espelho, e ali viu muito bem o nosso autêntico gato num estado de agitação frenética e sempre de pêlo eriçado. Quando ela achou que devia levá-lo para o seu canto, o felino bufou e a arranhou, permanecendo ainda presa do terror que lhe havia causado o cão fantasma.”

Aparição simultânea de pessoa e de animal vista por mais de uma pessoa

Bozzano relatou esse caso complexo que aconteceu na residência do Rev. Charles Tweedale, e foi publicado na Light, de Londres, em 1911, na página 101.

“Nestes últimos cinco meses, assistimos às mais extraordinárias manifestações espontâneas que ultrapassam de muito as manifestações históricas ocorridas no presbitério do Rev. Wesley. Todos nós temos escutado ultimamente uma "voz direta" que nos chamava pelos nossos nomes, em pleno dia, e assistido às aparições repetidas de um fantasma feminino de alto porte, vestido de branco e que todos os membros da família puderam ver exceto eu, que pude, entretanto, ouvir a voz dele soar maravilhosamente distinta, como se ela viesse do ar e na presença da família inteira. A aparição foi vista várias vezes, efetivamente, por diversas pessoas, quase sempre com boa claridade e algumas vezes em plena luz do dia. Por duas vezes o fantasma dialogou com os presentes.

Há uns quinze dias, essas maravilhosas manifestações atingiram o apogeu com a aparição, em pleno dia, de um fantasma vestido de branco acompanhado de um cão. Numa tardinha, eles foram vistos juntos duas vezes e por diferentes pessoas sucessivamente e sempre nessa mesma tardinha o cão foi visto três vezes sozinho e uma vez quatro pessoas o viram coletivamente, entre elas uma criancinha de dois anos que correu atrás do cão-fantasma até debaixo da cama, onde ele desapareceu, gritando: "Buh! Buh!". Repito que tudo isto se passou em plena claridade do dia. Depois, o tal cão foi visto várias outras vezes até estes últimos dias.

Todos os que o viram estão de acordo em descrever um cão fox-terrier alto, branco, com uma grande mancha preta irregular no dorso, orelhas retas e curtas, cauda inteira. Observou-se, além disto, que ele parecia sacudido por um forte tremor em todo o corpo e que o pêlo de sua pele era mais curto e mais brilhante do que de hábito. Ora, esta descrição corresponde exatamente à de um cão que me pertencia e que é morto há doze anos mais ou menos. Tinha-me quase esquecido da existência dele. Nenhuma das pessoas que o descreveram não o tinham conhecido quando vivo e não tinham sabido mesmo que ele existira. Minha tia (pois que é o seu fantasma que se manifesta) é morta há seis anos e tinha muita amizade pelo cão que a acompanha. É de observar que, como disse há pouco, o meu cão era caracterizado por uma exuberância de vitalidade que se manifestava por um violento tremor que sacudia o seu corpo inteiro cada vez que se despertava a sua atenção. Tinha, além disto, uma grande mancha irregular no dorso, precisamente do lado direito da espinha dorsal. Não esqueçamos que todos estes detalhes verídicos eram absolutamente ignorados por todos os que o viram e descreveram o fantasma do cão.

Recordo também que, antes de sua manifestação, foram ouvidos latidos e rosnados característicos que se produziam no mesmo momento em que o fantasma feminino aparecia, mas, como nenhum de nós tinha visto ainda animais fantasmas, essas manifestações auditivas foram para nós inexplicáveis até o dia em que a aparição do cão veio esclarecer o mistério.

A significação teórica deste memorável acontecimento se mostra de um modo bem claro, isto é, que ele tende a provar o que logicamente se devia presumir: que o espírito de um cão, como o de sua dona, podem sobreviver à morte do corpo.”

Intencionalidade

Nem sempre as aparições são sem propósito, parecendo ignorar a presença das pessoas. Há algumas que procuram comunicar-se com elas, revelando uma intencionalidade e visando aos mais diversos objetivos. Essas aparições são sempre de pessoas mortas e podemos assim classificá-las:

- a) aparições reveladoras;
- b) aparições premonitórias;
- c) aparições de socorro;
- d) aparições de súplica;
- e) aparições de compromisso.

Aparições reveladoras

São aquelas que indicam o paradeiro de documentos perdidos ou ignorados e dinheiro e jóias escondidos. Também revelam segredos e denunciam crimes.

Essas aparições podem ocorrer em sonho ou em estado de vigília.

D. Scott Rogo relata dois casos em que a aparição de pessoa morta informa que fora assassinada e denuncia quem a matou.

O primeiro caso aconteceu em 1897, na Virgínia Ocidental.

"A vítima, Zona Heaster Shue, foi encontrada morta por seu marido, um ferreiro, no fundo da escada de sua casa e o corpo foi enterrado rapidamente sem ser submetido a exame médico. Nem todos se convenceram de que sua morte fora um acidente, especialmente depois que a mãe de Zona começou a receber visitas do fantasma de sua filha queixando-se de que fora assassinada. As autoridades da cidade em Greembrier Valley ordenaram a exumação do corpo e descobriram que o pescoço da moça fora quebrado. Seu marido foi preso imediatamente sob a acusação de homicídio. A sra. Heaster, depondo no julgamento, disse que sua filha lhe aparecera quatro noites em seguida, explicando que o marido a espancara, enfurecido por ela não lhe ter preparado o jantar. O júri deliberou apenas por dez minutos antes de declarar o marido culpado.

O segundo caso é assim descrito por Rogo:

"Uma história mais clara e melhor documentada foi publicada pelo professor James Hyslop, da Sociedade Americana de Pesquisa Psíquica, em 1911. Referia-se a sua investigação sobre as afirmações da sra. Rosa Sutton, residente em Portland, no Oregon, que começara a receber visitas de seu filho morto em 1907. Ele era tenente em Anápolis e aparentemente praticara suicídio depois de uma briga com alguns de seus colegas oficiais. Sua aparição manifestou-se repetidas vezes, descrevendo como ele fora espancado e depois assassinado pelos outros oficiais. A aparição descreveu com muitos detalhes o lugar onde ele fora ferido. A exumação de seu corpo confirmou que o jovem fora espancado exatamente da maneira como a aparição afirmara, mas ninguém chegou a ser acusado de seu homicídio."

Aparições premonitórias

São aquelas que informam o percipiente sobre um fato futuro, seja a respeito dele mesmo ou de parente ou amigo.

Conta-se que Josefina, a falecida esposa de Napoleão Bonaparte, lhe apareceu, na ilha de Santa Helena, onde ele estava exilado, para o avisar da morte próxima.

Segundo Flammarion, o célebre magnetizador Deleuze relatou o seguinte caso:

"Uma jovem, sonâmbula, que havia perdido seu pai, viu-o duas vezes, muito distintamente. Veio em sonhos dar-lhe conselhos importantes. Depois de haver feito elogios da sua conduta, preveniu-a de que ia apresentar-se para ela um casamento, o qual parecia conveniente, e que o rapaz lhe agradaria, mas não seria feliz se com ele

casasse, aconselhando-a a recusá-lo. Acrescentou que se não aceitasse este casamento, outro se apresentaria pouco depois e que tudo estaria concluído antes do fim do ano. Estavam no mês de outubro.

O primeiro rapaz foi apresentado à mãe, mas a filha impressionada pelo que o pai lhe dissera, o recusou. Um segundo, chegando da província, foi apresentado à mãe, por amigos. Pediu a moça em casamento e esse foi marcado para o dia 30 de dezembro.”

Muito comum é o aparecimento de pessoas mortas a moribundos, como prenúncio de seu próximo falecimento.

Aparições de socorro

São aquelas que advertem os percipientes para não realizarem determinado ato ou projeto, porque se o fizessem poderiam ser prejudicados e até morrerem. Também fazem avisos e censuras ou dão conselhos

Flammarion transcreve as passagens essenciais da narração de Alexandre Aksakoff sobre o caso do navio "Harry Booth", comandado pelo Capitão Drisko, e que foi salvo de um naufrágio, durante a travessia entre Nova Iorque e Dry Tortugas, em 1865. O fato foi assim narrado pelo Capitão:

“Vendo que tudo estava em ordem na coberta, deixei, para me substituir, o meu imediato, oficial digno de toda confiança, e desci para o camarote a fim de descansar um pouco.

Faltavam dez para as onze quando ouvi distintamente uma voz que me dizia:

- *Sobe para a cobertura e faze deitar a âncora.*
- *Quem és tu? - perguntei, correndo para a coberta.*

Estava admirado de receber uma ordem. Lá na coberta, encontrei tudo em ordem. Ninguém vira pessoa alguma descer para o meu camarote.

Supondo que eu tivesse sido vítima de uma ilusão de ouvido, tornei a descer. Faltavam dez para meia-noite quando vi entrar no camarote o homem vestido com um sobretudo comprido, cinzento, um chapéu de abas largas à cabeça; olhando-me fixamente nos olhos, deu-me ordem de subir e de deitar a âncora. Nisso afastou-se tranqüilamente e eu ouvi bem seus passos pesados, quando passou diante de mim. Subi novamente para o convés e nada vi de extraordinário. Tudo ia bem. Absolutamente certo de minha rota, não tinha motivo para obedecer ao aviso, viesse de onde viesse.

Voltei de novo para meu camarote, mas não foi mais para dormir; não me de despi e fiquei pronto para subir, se fosse necessário.

*Faltavam dez para uma hora, o mesmo homem entrou e intimou-me, com um tom ainda mais autoritário, de subir ao convés e de mandar deitar a âncora. Reconheci então no intruso **o meu velho amigo, Capitão John Burton**, com o qual eu tinha feito viagens quando rapaz e que me tinha testemunhado grande benevolência. De um só pulo cheguei ao convés e dei ordem de arriar as velas e de ancorar. Estávamos com uma profundidade de 50 toesas. Foi assim que o navio evitou de encalhar nos rochedos de Bahama.”*

Flammarion esclarece que os pormenores do caso podem ser consultados no *Light* de 1882, pag. 303.

Aparições de súplica

São aquelas que solicitam aos percipientes algum favor, como pagamento de dívida ou de promessas não cumpridas, missas por sua alma ou desenterramento de botija.

Trata-se de aparição de pessoa morta, rogando auxílio ao percipiente para a realização de um desejo ou de uma necessidade. O que é significativo nessa experiência é que, uma vez satisfeito o pedido, a aparição nunca mais retorna.

Flammarion publicou uma carta que recebeu do Sr. Henry Stechi, de Romanof, com data de 13 de outubro de 1899. Diz a carta:

“Querido mestre.

Desejoso de ser útil às suas pesquisas tão leais e tão sinceras a respeito das manifestações de além túmulo, tomo a liberdade de lhe relatar um fato bem conhecido na minha família e que sempre ouvi contar pelos meus.

O irmão do meu avô, o conde Tadeu Czacki, depois da morte de seu pai, viu este último em sonho, dizendo-lhe que pedira emprestado ao vizinho, o Sr. N., 100 ducados, pelos quais este último não quisera receber um documento escrito. Pedia pois a seu filho para pagar esta dívida, a fim de dar tranqüilidade à sua alma.

Meu tio-avô considerou este sonho como um sonho qualquer e não lhe deu atenção. No dia seguinte, o mesmo sonho se repetiu exatamente da mesma forma. Então meu tio-avô mandou preparar imediatamente o carro para ir visitar o vizinho e, fazendo-lhe perguntas, soube que emprestará efetivamente 100 ducados, mas disso não possuía nenhuma prova escrita. Meu tio-avô pagou e seu pai apareceu-lhe ainda uma vez para lhe agradecer.

Muito satisfeito ficaria se esta história lhe pudesse ser útil. Posso garantir a sua autenticidade, porque todos membros da minha família sempre a consideraram como verdadeira.”

Flammarion cita este caso impressionante, ocorrido na Itália e que lhe foi relatado pelo Dr. Guido Fiocca Novi, em maio de 1905.

“Na linda cidadezinha de Castel di Sangro, perdida no meio das altas montanhas do Abruzze-Aquilênio e até ontem quase sepultada sob a neve, passou-se um fato que comoveu e ocupou nestes últimos dias as autoridades locais e toda a população.

O Sr. Pascal Coccozza, excelente homem, guarda campestre do barão Rafael Corrado, viu em sonho o pai falecido havia dez anos, exprobando-o, assim como a seus irmãos, de tê-lo esquecido, e, coisa mais grave ainda, de deixarem seus pobres ossos exumados pelos coveiros, abandonados atrás da torre do cemitério, na neve, entregue aos lobos!

O senhor Coccozza, muitíssimo impressionado com este sonho macabro, contou-o à irmã no dia seguinte. Com grande surpresa dele, esta lhe referiu que tivera exatamente o mesmo sonho. Então, o bom guarda, sem mais demora, apesar da tormenta de neve, levou espingarda e foi ao cemitério situado numa colina que domina cidade. Ali, atrás da torre, no meio dos espinheiro e na neve que ainda conservava sinais de pata de lobo, ele viu ossos humanos. O sonho fora pois verídico.

Naturalmente o Sr. Coccozza denunciou o guarda do cemitério, Francisco Mannarélli, à Casa da Câmara, que, por sua vez, permitiu a denúncia ao Juiz de Paz, o Sr. Casoria, o qual mandou prender Mannarélli e três outros coveiros.

Os acusados, como desculpa, disseram que o tempo marcado para a exumação dos cadáveres e transladação para o ossuário - dez anos - tendo justamente findado e, estando eles ocupados nessa transladação, tinham sido surpreendidos à boca da noite pelo frio e pela neve, não tendo podido transportar uma parte das ossadas. No entanto, no seu sistema de defesa, os coveiros tentaram negar que os ossos encontrados fossem os do pai do Sr. Concozza; isso permitia-lhes contestar ao guarda campestre o direito de se considerar lesado pela negligência dos coveiros. Mas, por informações confidenciais e após pesquisas feitas no cemitério, foi averiguado que os ossos eram realmente os do Sr. Concozza pai, falecido havia dez anos.”

Gilberto Freyre menciona alguns casos de aparições que nunca mais foram vistas, depois do desenterramento de botijas, missas rezadas e até realização de sessões mediúnicas.

Aparições de compromisso

São aquelas que resultam do cumprimento de um prévio acordo entre duas pessoas, mediante o qual foi estabelecido que aquela que morresse em primeiro lugar, apareceria a sobrevivente para provar a continuidade do ser humano após a morte.

Camilo Flammarion narra o seguinte caso:

“Uma das mais notáveis aparições da coleção que coordenei há muito tempo é a do amigo de Lord Brougham, relatada por esta eminente personagem, pessoalmente.

Os homens da minha geração viram este belo ancião, em Paris ou em Cannes, onde faleceu em 1868. Lorde Brougham escreveu sua autobiografia e dela publicou extrato abaixo no dia 16 de outubro de 1862.

Nunca foi emitida uma dúvida sobre exatidão desta recordação que se refere ao mês de dezembro de 1799: o futuro político e célebre historiador inglês só tinha por conseguinte 21 anos naquela ocasião e viajava na Suécia.

"Fazia frio, escreve ele. Ao chegar em Gotemburgo, numa hospedaria de boa aparência, pedi um banho quente e aconteceu-me aí uma aventura tão curiosa que quero narrar desde o princípio.

Tivera como amigo de colégio, na High School, um colega por nome G., que eu apreciava e estimava especialmente. Muitas vezes conversávamos juntos sobre o grande assunto da imortalidade da alma. Um dia, fizemos a loucura de redigir um contrato, escrito com nosso sangue, afirmando que qualquer um dos dois que morresse primeiro, viria manifestar-se ao outro, para dissipar a dúvida que poderíamos conservar sobre a continuidade da vida depois da morte. G. partiu para a Índia e mais ou menos esqueci que existia.

Estava eu, pois, mergulhado no meu banho, gozando deliciosamente o bom calor que aquecia meus membros entorpecidos e preparava-me para me levantar, quando, olhando para a cadeira onde tinha posto minha roupa, com grande espanto, vi nela sentado meu amigo G. a olhar para mim, tranqüilamente! Não posso dizer como saí do banho, porque, ao recuperar os sentidos, me vi estendido no assoalho. Esta aparição ou o fenômeno que representava meu amigo já lá não estava mais. Fiquei de tal modo impressionado que, sem demora, quis escrever todos esses pormenores, com a data do dia, 19 de dezembro.

Lorde Brougham acrescenta que logo ao chegar a Edimburgo encontrou uma carta da Índia, anunciando-lhe a morte de seu amigo, ocorrida no dia 19 de dezembro.”

Flammarion cita outro caso interessante. A Sra. Bishop que, quando solteira, se chamava Bird, viajante e escritora muito conhecida, conheceu nos Montes Rochosos

um índio mestiço, o Sr. Nugent, conhecido pelo nome de "Mountain Jim" e sobre o qual exercera grande influência. Eis o seu relato:

“No dia da minha partida, escreve ela, ele estava muito comovido. Tivera com ele uma longa conversa a respeito da vida mortal e da imortalidade, conversa que eu terminara com algumas citações da Bíblia. Pareceu-me muito impressionado e exclamou:

- Talvez não a veja mais nesta vida, mas vê-la-ei quando morrer.

Separaram-se depois disto.

Durante algum tempo tive notícias dele; soube que se portara melhor, e que depois recaíra nos seus usos selvagens; mais tarde fora ferido em uma rixa, depois melhorara de saúde e formara planos de vingança. Na última vez que tive notícia dele, eu estava no Hotel Interlaken, em Interlaken (Suíça), em companhia da Srta. Clayton e dos Ker.

Algum tempo depois de ter recebido essas notícias (era no mês de setembro de 1874), estava uma manhã estendida na cama, escrevendo uma carta a minha irmã, quando, ao levantar os olhos, vi Mountain Jim de pé, diante de mim.

Seus olhos me fitavam e ele me disse em voz baixa, porém muito distintamente:

- Eis-me como prometi.

Depois, acenou-me com a mão e acrescentou:

- Adeus!

Quando a Srta. Bessie Ker veio trazer-me o almoço, tomamos nota do acontecimento, marcando o dia e a hora. A notícia da morte de Mountain Jim chegou-nos às mãos algum tempo depois e a data, dada a diferença de longitude, coincidia com a da aparição.”

Aparições subjetivas mistas

São aquelas que estão associadas a outra experiência psíquica, como a uma experiência fora do corpo (EFC) e a um sonho.

Aparição & EFC

A convergência entre uma aparição e uma EFC é de extrema complexidade, dada a participação simultânea de dois percipientes recíprocos: o que se encontra em EFC e percebe uma pessoa, ao mesmo tempo em que é percebido por ela como uma aparição.

A EFC é conhecida no Espiritismo como desdobramento e, na Igreja Católica, como bilocação.

Uma pessoa em EFC pode não apenas ver pessoas em outro local, mas também, em casos raros, também ser vista por elas.

A Society for Psychical Research (SPR) publicou a seguinte experiência:

“M. M. H. Sparks e M. A. W. Cleave eram ambos alunos da Escola de Engenharia Naval de Portsmouth.

“Desde o ano anterior - escreve o primeiro - tinha eu por hábito magnetizar um dos meus camaradas. Depois de alguns ensaios, observei que o sono se tornava mais profundo, fazendo longo passes já quando o sujet estava adormecido. Então, nessa espécie particular do sono magnético, ele julgou ver os sítios pelas quais se interessava.

Na última sexta-feira, à noite (15 janeiro de 1816), o meu amigo exprimiu o desejo de ver uma senhorita que vivia em Wandsworth, e de ser visto por ela. Magnetizei-o e continuei os longos passes durante 20 minutos aproximadamente, concentrando toda minha vontade sobre a sua idéia. Logo que voltou a si, declarou que tinha visto a moça em questão na sala de jantar, que ela lhe parecera alterada, que o havia fitado, cobrindo os olhos com as mãos.

Na última segunda-feira à noite (18 de janeiro), recomeçamos a experiência, e desta vez declarou que pensava ter assustado a jovem, porque, depois que ela o viu, caíra numa espécie de síncope. Seu irmão estava, então, no quarto.

Na quarta-feira de manhã, o meu amigo recebeu uma carta dessa moça em que lhe perguntava se lhe havia sucedido alguma coisa; acrescentava que, na sexta-feira, à noite, tiveram grande terror, ao vê-lo no seu quarto, de pé. Havia julgado que poderia tratar-se de uma visão imaginária, mas, na seguinte segunda-feira, se assustara mais, ainda, ao vê-lo de novo e desta vez muito claramente. O seu pavor fora de tal sorte que ia caindo doente. A narrativa que lhe envio é absolutamente verídica; posso provar o que afirmo, porque tenho duas testemunhas que se encontravam no dormitório, no momento em que o meu amigo foi magnetizado e quando recuperou a lucidez. O sujet se chama Arthur H. W. Cleave e conta dezoito anos. Eu tenho dezenove. A. C. Darley e A. S. nossos camaradas, são as duas testemunhas de que acabo de falar-lhe.”

Edmund Gurney, Frederick Myers e Frank Podmore confirmaram que Sparks e Cleave eram alunos da Escola de Engenharia Naval de Portsmouth e que os

conheceram pessoalmente, podendo, por isso, "testemunhar a sua inteligência e o cuidado com que sabem observar".

Este é o caso mais intrincado de aparição de pessoa viva. Se uma pessoa em EFC vê uma outra e é vista por ela, poder-se-ia aventar a hipótese de uma alucinação visual telepática recíproca. A pessoa em EFC tem a impressão de que se encontra psiquicamente em outro local, porém o que ela percebe foi colhido do inconsciente de outra pessoa que, por sua vez, afetado telepaticamente pela outra, converte a informação telepática em alucinação visual.

Mas, se a pessoa em EFC não apenas vê outras pessoas, mas também é vista por elas? Teria ela percebido as outras pessoas, porque foi afetada telepaticamente por uma delas? Teria a pessoa que a afetou telepaticamente, contagiado psiquicamente as demais, fazendo-as ver a aparição? Ou se trataria de uma aparição objetiva, levantando-se, agora, uma nova questão: como a pessoa em EFC tornou a sua imagem objetiva? Ou seria um caso de metafatismo de pessoa e não de uma EFC?

Aparição & sonho

Este é um dos casos raríssimos em que o sonho de uma pessoa coincide com a sua aparição a uma outra pessoa. A experiência foi vivida pelo poeta Goethe e seu amigo Friedrich Rochlitz.

Voltava Goethe de um passeio, em companhia de seu amigo Klemm, caminhando, numa tarde chuvosa, pela estrada de Belvedere, quando viu, a sua frente, uma aparição. Pareceu-lhe ser de seu amigo Friedrich Rochlitz, o qual, estranhamente, vestia o robe e calçava as pantufas do poeta.

Goethe saudou-o efusivamente, mas a visão se desvaneceu no mesmo instante. Klemm, no entanto, nada percebera, o que deixou Goethe apreensivo, pensando que seu amigo havia morrido.

Naquela mesma ocasião, Rochlitz dormia profundamente na casa de Goethe, usando o robe e as pantufas do poeta. E teve um sonho, no qual se encontrava com Goethe na estrada de Belvedere e este lhe dissera aquelas mesmas palavras. Rochlitz tinha ido visitar Goethe e, durante o percurso, foi colhido por um forte aguaceiro, o que o forçou a trocar as roupas e os sapatos molhados pelo robe e as pantufas do amigo. Em seguida, sentou-se numa poltrona e ali adormeceu, enquanto esperava por Goethe. Este, ao chegar em casa, tomou um grande susto, quando se deparou com Rochlitz, ainda adormecido e usando a mesma indumentária da aparição.

Este caso, relatado por Tyrrell, ainda é mais complexo.

“Em 1863, um cidadão norte-americano, o Sr. S. R. Wilmot, cruzava o Atlântico de volta a seu país, em companhia de seu amigo o Sr. W. J. Tait, com quem

compartilhava o camarote. Este se achava situado completamente à popa, e devido à inclinação do costado do barco as duas câmaras não ficavam exatamente uma em cima da outra, senão que a de baixo se sobressaía um pouco para o camarote. Esta era cama que ocupava Wilmot.

Depois de uma semana de mau tempo, o Sr. Wilmot desfrutava sua primeira noite de sono reparador, quando "perto do amanhecer comecei a sonhar que via minha mulher, que havia deixado nos Estados Unidos, aproximando-se da porta de meu camarote, vestida com um traje de noite. Já na porta, pareceu descobrir que eu não era o único ocupante da habitação, o que a fez vacilar um pouco, até que, recompondo-se de sua ligeira surpresa, avançou resolutamente para mim, e inclinando-se começou a beijar-me e acariciar-me ternamente, e ao fim de um pouco tempo desapareceu. Ao despertar, me surpreendi ao ver que meu companheiro de viagem estava apoiado sobre seus cotovelos, contemplando-me fixamente. "Você é um homem de sorte", disse finalmente, "por ter uma senhora que venha visitá-lo desta forma". Eu o pressionei para que me desse uma explicação mais clara de suas palavras, e então ele me relatou o que havia visto enquanto estava em sua cama, completamente desperto. Sua descrição concordava exatamente com o meu sonho.

*O narrador conta que, ao chegar em casa e encontrar sua esposa, "quase a primeira pergunta que me dirigiu quando estávamos a sós foi: "Viste-me quando te visitei terça-feira, faz uma semana?" "Que me visitaste?" - exclamei - mas se esse dia nós estávamos em alto-mar a milhas e milhas da costa." "Já o sei" - replicou ela - "mas me pareceu que eu te visitava." "Isso teria sido impossível" - insisti - "conta-me o que te faz supor tal coisa." Minha mulher me contou que por causa do mau tempo reinante, e de se haver anunciado o desaparecimento do **África**... ela havia se sentido extremamente intranqüila por minha causa. Na noite citada, na mesma noite em que havia começado a diminuir a tormenta, tinha permanecido desperta durante muito tempo pensando em mim, e perto das 4 horas da manhã teve a impressão de que saía ao meu encontro. Cruzando a amplidão do oceano agitado, chegou por fim a um vapor negro e por baixo da borda, por um de cujos costados subiu e desceu para as cabinas, percorrendo barco de proa a popa até que, finalmente, encontrou o meu camarote. "Explica-me uma coisa" - me disse - "tem todos os barcos camarotes como o que eu vi, no qual o beliche inferior se sobressai da parede um pouco mais do que o de cima? Recordo que na cama de cima havia um homem que me olhava fixamente, e durante uns momentos não resolvi entrar porém de logo me decidi e me acerquei da cama em que dormias; uma vez ali me inclinei sobre ti e comecei a beijar-te e abraçar-te, até que, depois de um tempo voltei a caminhar." A própria esposa e a irmã do Sr. Wilmot acrescentaram seu testemunho que confirmava este relato."*

Aparição de "duplos"

Há uma modalidade de aparição em que o percipiente vê uma réplica de si mesmo, um *duplo* de seu corpo. O Dr. Ferré denominou essa experiência alucinatória de *autoscopia*.

No século passado, o Dr. Sollier se dedicou ao estudo dos *duplos* e relatou que, em certa ocasião, o escritor Guy de Maupassant viu o seu *duplo* abrir a porta, entrar no aposento em que ele se encontrava, sentar-se diante dele, apoiar o rosto nas mãos e ditar exatamente o que ele estava escrevendo. Maupassant sofria de *dementia* parálitica e passou os últimos anos de sua vida internado em um hospital.

Para Otto Rank, a autoscopia nada mais é do que uma projeção da libido narcisista.

Outro psicanalista, S. M. Colemann, entendia que o *duplo* era a expressão de desejos sexuais profundos, uma personificação do falo.

E. Menninger-Lerchenthal definiu o *duplo* como um fenômeno de falsa percepção da própria forma de uma pessoa e propôs a mudança do nome de autoscopia para heautoscopia, ou seja, "aquele que se vê a si mesmo".

Em 1923, Capgras e Reboul-Lachaux descreveram um tipo de síndrome que envolve especificamente a visão de *duplo*. Eles a denominaram de "ilusão dos sócios", mais tarde conhecida por "síndrome de Capgras".

C. W. Lippman observou vários casos em que pessoas, num ataque de enxaqueca, experimentavam a vívida sensação de que eram duas.

Tudo isso leva à conclusão de que a autoscopia ou heautoscopia não passa de uma experiência alucinatória visual, produzida por distúrbios orgânicos ou psíquicos.

Aparição perfeita

Tyrrell propõe um modelo para uma aparição perfeita, a qual, se estivesse ao lado de uma pessoa viva, apresentaria os seguintes pontos de semelhança:

- a) ambas as figuras se sobressairiam no espaço, apareceriam reais e sólidas, com nitidez e clareza, apresentando detalhes como a cor e a textura da pele e da roupa;
- b) quem se deslocasse em torno da aparição, poderia vê-la qualquer distância e de qualquer perspectiva, sem que observasse qualquer diferença entre ela e a pessoa viva;
- c) mesmo com pouca claridade, ambas seriam vistas, ainda que com dificuldade e, uma vez apagada a luz, desapareceriam na escuridão;
- d) ambas escureceriam ou tapariam o fundo do ambiente;
- e) se a aparição aparecesse com uma rosa, as pessoas presentes sentiriam seu perfume;

- f) quem se aproximasse da aparição poderia ouvir a sua respiração e escutaria também o farfalhar de sua roupa ao mover-se e o ruído de seus sapatos ao pisar no solo;
- g) a aparição se comportaria como se notasse nossa presença, mirando-nos de um modo natural e poderia sorrir e voltar a cabeça para seguir os nossos movimentos, inclusive apoiar sua mão em nosso ombro, dando-nos a sensação de um contato físico real;
- h) a aparição poderia falar-nos e inclusive responder a alguma pergunta que lhe fosse feita, mas não seria possível manter com ela uma longa conversação;
- i) se houvesse um espelho na parede, poderia ser vista a imagem da aparição refletida nele, num ângulo adequado, exatamente como veríamos a imagem refletida de uma pessoa real;
- j) ambas as figuras projetariam sombras, mas sobre esse ponto os dados são incertos;
- k) se cerrássemos os olhos ou volvêssemos a cabeça, deixaríamos de ver a aparição e a pessoa viva e, quando os abrísssemos, voltaríamos, de novo, a vê-las;
- l) as roupas da aparição poderiam ter outros acessórios e ela poderia estar acompanhada de um cão ou de um ser humano real ou fictício, os quais pareceriam normais e se comportariam de uma maneira habitual;
- m) a aparição poderia recolher qualquer objeto que estivesse no solo ou abrir ou fechar uma porta e em ambos os casos veríamos e ouviríamos o movimento daqueles objetos, embora fisicamente não se tivessem movido;
- n) logo que nos acercássemos da aparição, ou esta nos tocasse, experimentaríamos uma sensação de frio;
- o) se tentássemos pegar a aparição, nossa mão passaria através dela sem encontrar resistência;
- p) se espalhássemos gesso em pó sobre o solo e pudéssemos induzir a aparição e a uma pessoa a passear naquele local, apenas encontraríamos, depois, os rastros desta última, embora tivéssemos escutados os passos de ambas;
- q) se fotografássemos as duas figuras, somente a imagem da pessoa viva apareceria na foto, e se usássemos um gravador, somente seriam gravados os sons produzidos pela pessoa real;
- r) depois de um período de tempo que poderia variar entre uma fração de segundo e meia hora, a aparição se dissiparia, gradualmente ou subitamente, esfumando-se ou simplesmente abrindo uma porta e saindo;
- s) algumas vezes observaríamos que a aparição, diferentemente de uma pessoa viva, tornar-se-ia, por exemplo, ligeiramente luminosa.

O modelo que Tyrrell propõe é, em vários aspectos, aplicável a uma aparição objetiva, mais conhecida pelo nome de materialização.

Aparições objetivas

As aparições objetivas, que tiveram seu apogeu no período da Metapsíquica, hoje é um fenômeno do qual não há mais notícia.

As aparições objetivas são aquelas percebidas por mais de uma pessoa, que tocam nas pessoas e são tocadas por elas, algumas vezes conversam até em outros idiomas, são fotografadas e deixam provas físicas de sua presença. As aparições são também de animais, como foi observado nas sessões de Franek Kluski e Jean Guzik.

Essas aparições foram examinadas em sessões mediúnicas, na presença de famosos agentes psi e investigadas por notáveis pesquisadores psíquicos. Apesar do rigorismo de muitas dessas sessões, os experimentos ainda hoje vêm sendo motivo de acirradas polêmicas quanto à sua autenticidade. O argumento mais comum é que tudo não passou de fraude, como se todos os agentes psi fossem exímios mágicos e os pesquisadores crédulos e iludidos.

William Crookes, Harry Price, Charles Richet, Paul Gibier, entre outros, examinaram fisicamente as aparições e, segundo eles, tiveram a firme convicção de que apalpavam pessoas reais. Ouviram seus batimentos cardíacos. Sentiram o calor de seus corpos. Conversaram com elas e constataram que eram de seres inteligentes e autônomos.

Paul Gibier declarou que freqüentemente apertava a mão das aparições e conversava com elas.

Conta Guy Playfair que o Dr. Rubens Romanelli apertou a mão da aparição "Sheilla", "sentindo a resistência de um corpo carnal, o calor de uma mão humana". Disse Romanelli:

"Notei que seus olhos não tinham brilho e perguntei-lhe o motivo. Explicou-me que isto era perfeitamente normal durante a materialização, porque não era possível reproduzir o brilho dos olhos humanos. Notei também uma mancha escura entre o seu braço e o seu tórax e ela explicou que, desde que o médium estava atacado de um resfriado, não lhe era possível materializar-se completamente. Disse que isso era prova de que ela era realmente um espírito e pediu-me que pegasse a capa de um álbum de discos e passasse entre seu braço e seu tórax, o que fiz sem qualquer dificuldade, apurando que não havia ligação material entre ambos. O braço me deu a impressão de estar solto. Não havia ligação material para os nossos olhos, mas havia um dinamismo espiritual que iludia o olho material, e esse dinamismo permitia a articulação do braço."

Informou Lombroso que Elisabeth D'Esperance e a aparição "Iolanda" foram fotografadas juntas.

D'Esperance confirmou que, em algumas ocasiões, ela e "Iolanda" desfilaram juntas para que fossem percebidas pelas pessoas presentes às sessões.

William Crookes obteve quarenta e quatro fotografias de "Katie King" e, em uma delas, foi fotografado ao seu lado.

Nas sessões de Kluski, as aparições deixavam provas de sua presença física, mergulhando as mãos em parafina fervente, cujos moldes eram preenchidos com gesso líquido. Elas produziam modelagens que apresentavam linhas da mão e impressões digitais que não correspondiam nem às do agente psi nem às de qualquer das pessoas presentes. Estas modelagens eram geralmente de mãos e pés de crianças.

Robert Amadou reconheceu a autenticidade das moldagens produzidas por Kluski, observando que elas *“apresentam linhas palmares e impressões digitais que não correspondem nem às do médium, nem às dos assistentes. Além disso, a constituição anatômica dos membros moldados – mãos de criança, pé de criança – não correspondem realmente à dos membros de qualquer assistente.”*

As aparições eram de pessoas das mais diferentes idades e de ambos os sexos, como também de diversas raças.

Durante dez anos, Paul Gibier pesquisou, em seu laboratório, a Sra. Salmon e presenciou aparições de adultos e de crianças que falavam com as pessoas presentes.

As aparições objetivas são, geralmente, experimentais. As espontâneas suscitam muitas dúvidas, porque podem ser interpretadas como de natureza subjetiva.

As aparições objetivas podem ser:

- a) de pessoa desconhecida;
- b) de pessoa parecida com o agente psi
- c) de pessoa morta conhecida;
- d) de animal;
- e) individual;
- f) coletiva;
- g) em tamanho normal;
- h) minúscula.

Aparições de pessoas desconhecidas

São aquelas cuja identidade não foi reconhecida pelos participantes das sessões onde elas se apresentaram. Elas são a regra geral.

Duas aparições polêmicas ocorreram em 1874: a de "Katie King", através de Florence, pesquisada por William Crookes e a de "Bien Boa", em Vila Carmen, através de Eva Carrière, pesquisada por Charles Richet. Estas duas aparições tinham aparentemente todos os atributos de um ser vivo.

Aparição de pessoa parecida com o agente psi

Em alguns casos, as aparições se assemelham muito ao agente psi, o que tem levantado suspeitas sobre fraude. Alguns pesquisadores, no entanto, entendem que se trata do duplo do agente psi objetivado.

Aparições de pessoas mortas conhecidas

As aparições de pessoas mortas conhecidas são identificadas por parentes e amigos presentes às sessões onde se manifestam.

César Lombroso, em 1902, em Gênova, reconheceu a aparição de sua genitora falecida, em sessão realizada com Eusápia Paladino.

Lombroso ainda recordou que, certa ocasião, Ernesto Bozzano, em sessão com Eusápia, teve o constrangimento de ver a aparição da sua falecida esposa, que, em vida, lhe causara muitos dissabores.

O Prof. Porro viu a aparição de sua falecida filha Elza. E o Dr. Joseph Venzano conversou, à vista de todos os presentes, com um parente falecido. Em todos esses casos, o agente psi era Eusápia Paladino.

No Brasil, as sessões de Francisco Peixoto Lins, mais conhecido por “Peixotinho” foram pródigas em aparições de pessoas falecidas, que falavam com parentes e amigos presentes.

Em sessões da agente psi Ana Prado, em Belém do Pará, no ano de 1921, a aparição da falecida Rachel Figner foi atestada por seus pais Esther e Frederico Figner, os quais tiveram a oportunidade de falar demoradamente com a aparição da filha durante mais de duas horas.

Aparições individuais

São a regra geral.

As aparições, geralmente, se apresentam uma após outra. No entanto, há casos de mais de trinta aparições sucessivas em uma única sessão.

Aparições coletivas

Quando as aparições são vistas simultaneamente, elas são denominadas de aparições coletivas.

Ernesto Bozzano narra que, certa ocasião, numa reunião no Círculo Minerva, presenciou, juntamente com outros pesquisadores, entre eles o Prof. Morseli e o Dr.

Venzano, o aparecimento de seis formas humanas completas, à plena luz. Eusápia Paladino, no momento da aparição, estava deitada em uma maca, solidamente amarrada e observada.

É extremamente difícil explicar que este fenômeno foi produzido pelo inconsciente de Eusápia, gerando matéria suficiente para formar seis aparições ao mesmo tempo. Se estas aparições foram produzidas pelo inconsciente de Eusápia, temos de convir que a mente humana é capaz de gerar matéria e criar seres aparentemente humanos e transitórios. E se a mente pode produzir matéria, então não poderia ela formar um corpo para si, em outro nível da realidade, após a morte do seu corpo físico?

Em relação à hipótese do inconsciente do agente psi como causa das aparições coletivas, Alexandre Aksakof assim se posicionou:

“Mas, poder-se-ia argumentar, e nos casos em que a materialização se produz, mesmo que o médium esteja em estado de transe, há pois nesse caso duas consciências, duas vontades, dois corpos que agem simultaneamente?”

E prosseguiu:

“E quando duas ou três formas materializadas aparecem ao mesmo tempo, convém atribuí-las sempre a essa fantasia sonambúlica, atribuindo-lhe a faculdade de multiplicar os corpos e as consciências?”

Aparições em tamanho normal

Constituem a quase totalidade dos casos.

Aparições minúsculas

Observou-se que nas sessões de Kluski as aparições se apresentavam em tamanho bem menor do que o normal, quando ele começava a ficar esgotado.

O Prof. F.W. Pawloski constatou que, nas ocasiões em que Kluski não estava em boas condições físicas ou psicológicas, as aparições se reduziam a 2/3 ou até mesmo à metade do tamanho normal.

Eva Carrière e Franek Kluski conseguiram realizar um fenômeno singular: a aparição de figuras humanas minúsculas com até vinte centímetros de altura.

Relações entre o agente psi e as aparições

Há uma íntima relação entre o agente psi e a aparição objetiva.

Jaime Cerviño elegantemente a definiu como uma “*notável solidariedade fisiológica entre médium e fantasma – gêmeos univitelinos, quer exista ou não um elo visível entre ambos.*”

E, mais adiante:

“*Médium e fantasma, feitos da mesma substância, constituem uma unidade funcional, organismo único ocasionalmente cindido por um prodigioso efeito de psicocinesia.*”

Elisabeth D’Esperance observou existir uma forte relação física e psicológica entre ela e a aparição "Iolanda". Constatou que tudo o que acontecia com o corpo de "Iolanda" repercutia no seu corpo.

Quando ela tocava na aparição sentia como se tocasse em si própria e vice-versa. Se a aparição tocava em alguma coisa era como se D’Esperance a tocasse. Tocar na aparição era tocar no agente psi.

D’Esperance sentia fisicamente tudo o que sucedia com as aparições, porque estas, na verdade, eram uma extensão de seu corpo. E, embora se mostrassem autônomas, elas faziam parte da substância física e psíquica de D’Esperance.

Numa sessão desastrosa em que um dos assistentes agarrou "Iolanda", D’Esperance sofreu um forte abalo orgânico que a deixou enferma por algum tempo.

Aparição de formas animais

Nas sessões de Jean Guzik e Franek Kluski apareciam formas animais. Aparições de cães e animais estranhos aconteciam nas reuniões de Guzik. E, nas de Kluski, uma ave de rapina, pequenas feras, um leão e um homem-macaco. Um falcão apareceu pousado no ombro de Kluski e foi fotografado.

Cães apareciam nas sessões da Sra. Etta Wriedt e de Haxby.

Hipóteses

Há várias hipóteses a respeito das aparições, porém nenhuma abrangente e plenamente satisfatória. Cada uma delas responde adequadamente a alguns aspectos do fenômeno e, por isso, não se excluem, mas se somam, fornecendo uma abordagem e uma visão mais amplas de sua complexidade.

Aparições subjetivas

Influência cultural

O imaginário de uma cultura pode favorecer a disseminação de histórias de aparições e casas mal-assombradas, criando uma predisposição para a credulidade e o fácil apelo ao sobrenatural. E há culturas que subestimam ou hostilizam essa experiência.

O tipo de aparição também sofre a influência cultural, dando predominância a um dos sexos ou a determinada faixa etária. Em algumas culturas, predominam as aparições de figuras religiosas.

Karlis Osis e Erlendur Haraldsson observaram a influência dos fatores culturais nas aparições. Dizem eles:

"A nossa investigação num meio cultural diferente do meio americano permitiu-nos fazer uma interessante descoberta. Existe na Índia um profundo respeito e mesmo uma veneração pelas pessoas idosas, muito mais do que nos Estados Unidos. Os pacientes indianos teriam recebido por isso mais visitas de pessoas idosas do que os americanos (povo mais ligado à juventude)? Pois bem, sim! Nos Estados Unidos, 41% das aparições que vieram buscar o paciente e que este acolheu tranqüilamente puseram em cena pessoas da geração precedente, ao passo que na Índia esta percentagem se eleva a 66%. As aparições de pessoas da mesma geração do paciente foram mais numerosas entre os americanos (44% contra 29% na Índia) e as aparições de parentes próximos da geração seguinte formaram 15 % dos casos nos Estados Unidos e apenas 5% na Índia. Se nos Estados Unidos se encontram 14% de casos de aparições que põem em cena filhas ou filhos falecidos, nenhum jovem desta categoria parece ter recebido na Índia a missão de levar a mãe ou o pai moribundo."

Alucinação de natureza psicológica

A aparição é uma alucinação visual, resultante de conflitos e necessidades emocionais do percipiente. O medo, a imaginação e a predisposição à sugestão podem constituir fatores desencadeadores da experiência.

Se a aparição for de pessoa morta, ela constitui uma alucinação visual induzida pelo próprio percipiente, como mecanismo de compensação a problemas existenciais não resolvidos com a pessoa falecida, decorrentes, por exemplo, de sentimentos de culpa e desejo de reconciliação e perdão. Pode ainda ser a dramatização do sentimento de luto e infelicidade conseqüente da viuvez, principalmente em pessoas idosas.

Melvin Morse e Paul Perry fazem o seguinte comentário:

"O modo como isso acontece é exemplificado bastante bem na obra de W. Dewi Rees, médico que clinicava no País de Gales na década de 1950. Em 1971, ele publicou uma pesquisa no British Medical Journal acerca de contatos visionários de viúvas e viúvos em uma região específica do País de Gales. Constatou que não só a grande maioria da população mencionada em seu estudo havia tido contato com o cônjuge após a morte deste, mas alguns desses contatos se prolongaram ao longo de

vinte anos. Além disso, pessoas que haviam enviuvado ainda jovens tinham contato visionário com o morto com quase a mesma frequência que as mais idosas.

Sua conclusão foi que essas experiências eram mais comuns em pessoas cujo casamento havia sido feliz e em casamentos com filhos. Em vez de ficarem perturbados por esses contatos com os mortos, os pacientes se sentiam bastante felizes por terem a companhia do cônjuge falecido. Rees chegou a salientar que os que tinham tais experiências tendiam menos a falecer no ano seguinte ao da morte do cônjuge que os que não as tinham."

Se a aparição é vista por mais de uma pessoa pode ser explicada como um sonho compartilhado, porém em estado de vigília. Essa mesma explicação é aplicável ao caso de aparição coletiva, se percebida por mais de uma pessoa.

Aliás, sobre essa questão, já havíamos comentado:

"Não existe, na verdade, um estado puro de vigília. A vigília é uma relação entre a mente e o mundo exterior. Mas esta relação não é um estar ligado às coisas de maneira absoluta. A vigília está permanentemente contaminada de elementos subjetivos, oníricos. Assim, não há uma linha divisória rígida e nítida entre a vigília e os outros estados de consciência.

Uma pessoa que sonha não utiliza apenas os materiais psíquicos que se encontram no seu inconsciente, mas também colhe outros elementos do mundo exterior enquanto dorme.

Não há, portanto, como evitar a interferência de elementos oníricos no nosso estado de vigília e de elementos da realidade física em nossa percepção onírica. Estamos sempre alternando esses dois estados extremos do psiquismo, os quais, como já vimos, se influenciam reciprocamente. Assim, quando os estímulos do mundo exterior preponderam sobre os estímulos do mundo interior, estamos numa situação psíquica denominada de vigília e, no caso inverso, numa situação psicofisiológica denominada de sonho. Se duas ou mais pessoas passam simultaneamente pela mesma experiência na qual a aparição parece realizar ações físicas, o fenômeno pode ser explicado pela hipótese do sonho compartilhado, no qual uma delas é responsável pela produção onírica."

A hipnagogia, um estado que existe entre a consciência de vigília e o sono, também pode explicar algumas aparições. Ela pode ocorrer quando a pessoa está caminhando ou desempenhando atividades rotineiras.

Charles Dickens contou a um amigo que, certa noite, quando perambulava por uma rua de Londres, escutou, atrás de si, o trotar de um cavalo. Então, se voltou e viu um homem tentando controlar um cavalo, que começava a rebelar-se. Incontinentemente,

Dickens correu para abrigar-se sob um portal, a fim de dar passagem ao animal. Mas, quando voltou a olhar para trás, o cavalo e o cavaleiro haviam desaparecido.

As aparições reveladoras, em sonho, podem ser a conscientização dramatizada de informações que a pessoa apenas sabia em nível inconsciente.

Nas aparições de compromisso, a expectativa do cumprimento do acordo pode predispor o contratante sobrevivente a esse tipo de experiência.

Aparições de animais mortos a seus donos ou em lugares mal-assombrados são interpretáveis como compensação psicológica, de natureza afetiva, pela perda de um animal de estimação do percipiente. Por outro lado, as aparições de animais podem ser simbólicas, representando alguma informação referente ao percipiente ou a terceiros.

Os ruídos em casas mal-assombradas são explicáveis por alucinação auditiva, visto que, apesar de toda balbúrdia que é ouvida, as coisas permanecem intactas e nos mesmos lugares. O grande problema é explicar o que produz essa alucinação.

O clima emocional, gerado por um acontecimento trágico, como suicídio e assassinato, ocorrido em um imóvel, pode impressionar algumas pessoas mais sensíveis, tornando-as predispostas a ver aparições atribuídas à alma da vítima. O seu relato emocionado e exagerado é suscetível de promover uma espécie de contágio psíquico, levando outras pessoas a ser afetadas sugestivamente.

A fama de mal-assombrado torna qualquer imóvel um poderoso indutor de assombrações.

As missas rezadas em sufrágio da alma da vítima servem como catarse para acalmar o inconsciente excitado dos vivos, resultando no seu desaparecimento definitivo.

O mesmo pode-se dizer em relação à retirada de botijas e o alegado enriquecimento inesperado de quem a encontrou. O conseqüente e definitivo sumiço da aparição induz à crença de que a alma penada, agora em paz, não tinha mais porque continuar ligada à casa. Aliás, a rigor, ninguém sabe se alguém realmente encontrou alguma botija. E, se a encontrou, por que iria revelar este segredo?

Sessões mediúnicas têm o mesmo efeito catártico das missas, ante a certeza de que os espíritos que perturbavam o imóvel, agora devidamente doutrinados, iriam residir definitivamente no Além.

Alucinação de natureza parapsicológica

A aparição é a conscientização dramatizada de uma informação telepática que o psiquismo inconsciente do percipiente decodifica sob forma de alucinação visual. Essa

hipótese é a mais consistente para as aparições de pessoa viva. A sua causa é externa, porque resulta de uma relação telepática entre duas pessoas, na qual o agente está em grave ou iminente perigo de vida, ou acabou de morrer.

Se se tratar de pessoa morta, pode ser uma dramatização do inconsciente do percipiente, na conscientização de uma informação cujo conteúdo é de natureza parapsicológica.

Frederick Myers entendia que o comportamento das aparições dos vivos sugeria sonhos projetados pelas pessoas vivas e que o comportamento das aparições de mortas sugeria sonhos projetados pelas pessoas falecidas.

Myers admitiu que o agente fantasmogênico é uma pessoa com predisposição a tornar a sua aparição facilmente visível e a essa disposição ele deu o nome de "diátesis psicorrágica". Esse "efeito fantasmogênico" pode produzir-se, não apenas na mente do percipiente, mas em uma fração do espaço, o que faz com que a aparição possa ser vista por várias pessoas simultaneamente.

Frank Podmore argumentava que a história de uma assombração começa pela alucinação visual de uma pessoa, decorrente de causa puramente física, fortuita e mal interpretada. A partir daí, a alucinação tende a repetir-se na mesma pessoa, desde que permaneça no local, por um mecanismo de associação de idéias. Essa experiência alucinatória pode transmitir-se telepaticamente a outras pessoas que passem a morar naquela casa, por uma espécie de contágio psíquico.

Para Edmund Gurney, a aparição funciona da seguinte maneira: o agente A influi nos percipientes B, C e D independentemente e cada qual responde a essa influência telepática, criando uma imagem sensorial própria.

Gurney ainda apresenta outra alternativa: o agente A influi telepaticamente num percipiente principal, B, no qual está interessado e este, ao mesmo tempo que cria a sua imagem pessoal, atua como agente, transmitindo a aparição a C, que, por sua vez, repete o processo e transmite a aparição a D e assim sucessivamente. Ele descreveu o processo como transmissão por contágio.

Para Gurney, a aparição de pessoa, logo após a sua morte, é aparição de pessoa viva, desde que a informação telepática da morte tenha permanecido em latência, no inconsciente do percipiente, até doze horas após o falecimento, sendo conscientizada, dentro deste período, sob forma de alucinação visual.

Se um computador universal, conforme a assertiva de Alan Turing, seria capaz de reproduzir o ambiente fisicamente possível, por que o mesmo não poderia fazê-lo o psiquismo inconsciente de uma pessoa? Não seria a aparição uma realidade virtual produzida pela pessoa que passa pela experiência ou pela decodificação de mensagem telepática de terceiro?

Tyrrell denominou de complexas as aparições altamente elaboradas, onde o percipiente, por exemplo, vê uma pessoa montada a cavalo. Ele explicou que esse tipo de aparição constitui um cenário alucinatório montado pelo psiquismo inconsciente do percipiente. Ele sustenta que o que é transmitido telepaticamente é uma idéia muito geral e vaga e que denominou de *tema* ou *motivo*. Esse tema é desenvolvido, em detalhes, por um fator psicológico que ele denominou de *produtor* e pela sua representação, a qual ele chamou de *montador cênico*.

Diz Tyrrell que as provas que fazem com que ele se incline pelo caráter não-físico das aparições provêm das seguintes circunstâncias:

- a) elas aparecem e desaparecem em casas fechadas com ferrolho;
- b) algumas vezes, elas se fazem transparentes e se esfumam gradualmente;
- c) freqüentemente, são vistas ou ouvidas por alguns dos presentes, porém não por todos;
- d) desaparecem nas paredes e nas portas fechadas, e passam através dos objetos físicos;
- e) algumas pessoas têm colocado suas mãos nelas, sem conseguir tocá-las, e outras têm caminhado através da aparição sem encontrar a mínima resistência;
- f) não deixam provas físicas de sua presença.

As considerações de Tyrrell, no entanto, são insustentáveis em relação às aparições objetivas.

A aparição de pessoa morta ao moribundo e apenas vista por ele é o prenúncio simbólico de sua morte próxima. Karlis Osis e Erlendur Haraldsson observaram, na sua pesquisa, que, em se tratando de aparição de pessoa viva, ela não tinha por missão conduzir o moribundo para o Além.

Quando a aparição é vista por outra pessoa e não pelo moribundo, poder-se-á admitir que este, intuindo a sua morte próxima, influenciou a mente daquela, fazendo-a passar por uma experiência de alucinação telepática visual, de conteúdo simbólico.

Na aparição vista simultaneamente pelo moribundo e por outras pessoas, poder-se-á especular que se trataria de uma alucinação coletiva induzida por um deles. Nesse caso, uma das pessoas, no momento em que passou por uma experiência alucinatória visual, contagiou, telepaticamente, as outras e todas tiveram a nítida impressão da realidade objetiva da aparição

A hipótese de que a aparição percebida por várias pessoas simultaneamente não implica na sua realidade objetiva, mas resulta de uma alucinação coletiva, é extremamente controversa, principalmente porque, nesse caso, a sugestão ocorreria de maneira involuntária e inconsciente, o que conflitaria com o próprio conceito de

sugestão, que é uma ação voluntária e consciente do indutor sobre outra pessoa. A hipótese é insustentável, se a aparição é fotografada ou deixa provas materiais de sua presença.

Há casos em que a aparição, vista por uma só pessoa, parece ser de natureza objetiva, material. O percipiente declara, com toda convicção, de que se tratava de uma aparição sólida. No entanto, tudo pode não ter passado de uma forte impressão subjetiva, uma espécie de sonho acordado, a não ser que a aparição tenha deixado uma prova material de sua presença.

Tocar na aparição ou ser tocado por ela não é uma prova de sua materialidade. No sonho, também temos a impressão de que tudo é sólido. A aparição pode ser, nesse caso, uma espécie de sonho acordado auto-induzido ou provocado telepaticamente.

Há relatos de aparições que falaram com o percipiente ou se comunicaram com ele por telepatia. Apesar disso, é possível tratar-se de uma alucinação visual e auditiva resultante de uma decodificação telepática ou de uma criação do inconsciente do percipiente. Na verdade, a pessoa dialogou consigo mesma, vivenciando a experiência psíquica com a impressão de se tratar de uma situação real, tal como acontece na trama dos sonhos.

Argumentamos, em outra oportunidade, que a aparição é explicável pela hipótese do campo psi, “mediante a qual a mente de uma pessoa pode, em certas circunstâncias, criar um campo informacional suscetível de influenciar a mente de outra pessoa, como também ser influenciada por ela. Estabelece-se, assim, uma realidade intersubjetiva entre pessoas, ensejando experiências comuns, as quais, pela sua intensidade, lhes proporcionam a forte impressão de participarem de um acontecimento objetivamente real”.

As aparições premonitórias podem ser explicadas como uma alucinação visual auto-induzida ou telepaticamente induzida, em que o percipiente é informado de um evento futuro que vem a acontecer. As aparições, nesse caso, são sempre de pessoas mortas, que funcionam como representações simbólicas da informação precognitiva.

As aparições de socorro são explicáveis como uma alucinação visual auto-induzida, em que a informação das conseqüências resultantes da prática de uma decisão é simbolizada sob forma de uma aparição geralmente de pessoa morta.

As aparições de súplica podem ser assim explicadas. Parte de nossa memória é compartilhada com os outros em maior ou menor proporção e informações sobre a nossa vida podem ser transmitidas por via consciente ou inconsciente. Por conseguinte, podemos saber mais sobre as pessoas com que lidamos do que pensamos saber. A memória de quem morre não se extingue com o falecido. Parte dela permanece no inconsciente de outras pessoas e pode se transmitir, telepaticamente, a pessoas que não

o conheceram quando em vida. É do inconsciente dos vivos que as informações sobre os mortos são recolhidas.

Em se tratando de aparição de animais, cabe indagar se eles podem produzir alucinações telepáticas em seres humanos ou se essas aparições também são explicáveis, conforme pensa Bozzano, como uma forma simbólico-premonitória.

Diz ele:

"Nessas ocasiões, a forma animal, segundo toda verossimilhança, não representa senão uma projeção alucinatória de uma idéia pensada e transmitida intencionalmente pelo agente telepatizante e isso conformemente à circunstância de que, no meio familiar, exista uma tradição segundo a qual a aparição de uma forma animal especial equívale a prenúncio de morte iminente na família. Por conseqüência, esta forma de premonições dependeria também de uma espécie de idiosincrasia que se teria perpetuado de uma geração a outra, nos membros da mesma família."

A aparição pode resultar de uma alucinação visual auto-induzida do percipiente e que afetou telepaticamente um animal, geralmente um cachorro. Ou, em se tratando de aparição de pessoa que acabou de morrer, o agente telepático influi telepaticamente, ao mesmo tempo, sobre o percipiente e o animal, sob forma de alucinação visual.

Se a aparição é de animal que acaba de morrer e aparece ao seu dono que ignorava o fato, é possível tratar-se de uma alucinação visual telepaticamente induzida, desde que se admita a possibilidade de um animal influir sobre a mente de um ser humano.

Quando a aparição de pessoa que acabou de morrer é vista simultaneamente por uma pessoa e um animal, é provável que eles tenham sido influenciados simultaneamente pelo agente telepático.

Se o duplo de pessoa viva é visto simultaneamente com o seu corpo físico por outras pessoas, como foi o caso de Emile Sagée, pode tratar-se de uma alucinação coletiva por ela induzida.

Alguns pesquisadores, no entanto, observaram que o *duplo* adquire consistência às expensas da vitalidade do corpo físico. Gabriel Delanne já se apercebera dessa particularidade. E diz:

"Verificou-se que quanto mais distinto e de aparência material era o duplo, tanto mais sofredora, mortificada e abatida estava a personalidade real; ao contrário, quando o duplo esmaecia, via-se a paciente readquirir suas forças."

Alucinação provocada por fatores orgânicos.

A. R. Luria assevera que a estimulação elétrica de um determinado ponto das zonas secundárias do córtex visual resultou em complexas alucinações visuais, tais como animais e pessoas familiares. Assim, o paciente podia ver um seu amigo se aproximando e acenando-lhe com a mão.

Diz Luria que essas alucinações refletem a experiência prévia do indivíduo e a estimulação das zonas corticais visuais secundárias ativava traços daquelas imagens visuais integrais, que estavam armazenadas naquela parte do córtex.

Luria explica que essas zonas desempenham um papel decisivo no fornecimento de um nível superior de processamento e armazenamento de informações visuais.

Essa experiência relatada por Luria não explica, contudo, o mecanismo das aparições por dois motivos: primeiro, porque, nas aparições, o percipiente não recebeu estimulação elétrica do córtex visual e nem se conhece sucedâneo para provocar tal estimulação; segundo, porque as aparições não são resultantes de experiências prévias do percipiente e muitas delas são alucinações simbólicas relacionadas com acontecimentos verídicos como nos casos de aparições de pessoas vivas.

Karl Pribram, da Universidade de Stanford, na Califórnia, assinalou que o cérebro, especificamente o córtex cerebral, é o equivalente biológico de um holograma. As experiências de estimulação elétrica de diversas áreas do cérebro, levadas a efeito por Wilder Penfield, resultaram numa vivência de memória holográfica. Tal constatação nos permite teorizar que as aparições podem resultar dessa atividade holográfica do cérebro, projetando imagens tridimensionais que são percebidas por todas as pessoas presentes, dando-lhes a vívida impressão de verem uma pessoa real, localizada em determinada região do espaço. Assim, por ser uma imagem, ela é intangível e não deixa qualquer indício de sua presença.

Karlis Osis e Erlendur Haraldsson observaram que a febre e a administração de calmantes não aumentaram a frequência das aparições. E constataram, ainda, que 80% dos pacientes terminais que perceberam aparições não estavam perturbados pelos medicamentos. Asseveram, ainda, não existir laço significativo entre as aparições e as perturbações cerebrais, resultantes de doenças, lesões ou infecções por uremia. Por isso, as aparições não são produto de um funcionamento cerebral.

Alucinação provocada por fatores físicos

As aparições são explicáveis por fatores físicos que afetariam o cérebro das pessoas.

Camilo Flammarion já tinha assinalado a influência do ambiente na gênese das aparições e a Sra. Sidgwick teorizou que alguma influência sutil, emanada dos locais assombrados, afetavam o cérebro do percipiente, fazendo-o vivenciar essa experiência alucinatória.

Dizem Andrew Nichols e William G. Roll que Persinger tem sugerido que mudanças abruptas nas forças do campo magnético podem induzir experiências anômalas. E dizem que essas experiências podem ser deflagradas pela exposição a campos geomagnéticos e eletromagnéticos.

Cabe, então, indagar: se os sítios mal-assombrados são produzidos por campos eletromagnéticos, por que, a partir de certo momento, eles deixam de ser assombrados? Campos eletromagnéticos não desaparecem e o que aconteceu para que as assombrações desaparecessem? Na verdade, elas deveriam sempre existir e continuar existindo.

Ondas de infra-som amplificadas pela disposição de determinados ambientes são suscetíveis de afetar o cérebro, o labirinto e o globo ocular do percipiente, levando-o a passar por uma alucinação visual, por ele interpretada como aparição.

As aparições podem ser imagens psiquicamente impressas na matéria.

Frederic Myers entendia que a aparição resulta de uma energia pessoal persistente e H. H. Price concebia que ela era imagens ou entidades dinâmicas e persistentes com as quais as pessoas entravam em contato.

As aparições podem ser ainda resultantes de imagens psíquicas gravadas numa determinada região do espaço por pessoas que, em vida, passaram por fortes traumas emocionais, como acontece nas casas mal-assombradas. Em algumas ocasiões, as pessoas podem perceber estas imagens, tomando-as por aparições.

Dizia Ernesto Bozzano:

"É provável que certas aparições de fantasmas, inertes e sem vida nos sítios mal-assombrados, não passem de "formas-pensamentos", engendradas na mente da pessoa tragicamente falecida em tais sítios."

No século passado, os chamados *médiuns fotógrafos*, entre eles William Mumler e William Hope, imprimiam, involuntariamente, imagens de pessoas falecidas, quando fotografavam os seus clientes. Ou eles poderiam ter induzido, inconscientemente, o psiquismo dos clientes a realizar essas impressões.

No nosso século, Ted Serios, pesquisado por Jule Eisenbud, na Universidade do Colorado, obtinha, voluntariamente, imagens em película fotográfica, dando, assim, objetividade às suas criações psíquicas. E, na Rússia, Nina Kulagina traçava cruzes nos filmes, movendo os olhos de cima para baixo e de um lado para o outro.

Em 1971, na Espanha, em Belmez de la Moraleda, na residência da Sr^a. Maria Gomez Câmara, na rua Rodrigues Acosta nº 5, Hans Bender investigou um fenômeno

de impressão psíquica na matéria, constatando a autenticidade de rostos que apareciam no chão da cozinha da casa. Essas fisionomias humanas se formavam lentamente, duravam algum tempo, desapareciam e eram substituídas por outras.

Em algumas ocasiões, Thomaz Green Morton, no Brasil, tem conseguido imprimir imagens em objetos metálicos.

Se a mente é capaz de imprimir imagens em película fotográfica, em pedra e em metal, por que não poderia fazê-lo em uma região do espaço?

Essa impressão de imagens no espaço, resultante, em alguns casos, de emoções violentas, poderia ser de longa duração, como no caso das casas mal-assombradas, ou de curta duração no caso de aparições vistas simultaneamente por várias pessoas, principalmente no leito de morte dos moribundos. Nessa última circunstância, o moribundo, em decorrência do seu estado emocional na proximidade da morte, imprimiria imagens psíquicas no espaço, produzindo aparições objetivas e, assim, perceptíveis pelas pessoas presentes.

Genady Sergejev entendia que uma pessoa, passando por uma forte emoção, pode imprimir informações de toda sua vida num objeto próximo, visto que todas as coisas possuem propriedades magnéticas. Os objetos, quando absorvem energia, no caso, energia psi-kapa -, mudam as características magnéticas de suas moléculas, passando a funcionar como gravadores magnéticos naturais.

Para Don Robin, existe uma memória no retículo cristalino, visto que "há ilhas ferromagnéticas que funcionam como células de memória nas "memórias de bolha" amplamente usadas nos sistemas de armazenamento de informações computadorizadas". Ora, "a pedra é prolífica em mecanismos de transdução de energia do retículo cristalino e nas populações dos elétrons escondidos nele. Esta memória "pode ser extraída por interação humana" e, assim, "tocar em pedras e objetos sagrados" e ainda de-sencadear uma interação informacional homem/pedra, funcionando esse toque "como mecanismo de acionamento".

Diz Don Robin que "a pedra em si pode muito bem ser o guardião da mente" e "pode ser que não tenhamos opção nenhuma em relação ao que deixamos gravado no retículo faminto da pedra", porque a informação que dela é extraída depende "da pessoa, do observador, experimentador ou espectador inocente, de fato qualquer pessoa que acione a resposta".

É possível que as construções de pedras, como certas mansões, palácios e catedrais sejam ambientes propícios para a gravação psíquica de imagens e certas pessoas sejam dotadas da capacidade de interagir com essas imagens e percebê-las. Também as características arquitetônicas de um imóvel, a disposição dos ambientes, o material da construção podem facilitar a experiência alucinatória.

Informa Don Robin que o arqueólogo Tom Lethbridge, de Cambridge, desenvolveu teorias que supõem a existência de um registro de fatos ocorridos no passado os quais, em certas circunstâncias, se apresentam codificados em determinados ambientes em particular. Assim, desde que exista o mecanismo de acionamento adequado, podem ser decodificados e expostos de novo, como na repetição de uma fita sonora gravada ou de um filme de vídeo. Por isso, Lethbridge "viu nesses registros a base dos fantasmas e aparições e supôs que houvessem sido gravados por algum estado emocional intenso que poderia acompanhar um crime, uma execução ou uma morte natural".

Há lugares que induzem as pessoas a determinados estados psíquicos, seja por sua destinação (igreja, museus, etc.), seja pelas histórias que se contam a seu respeito, seja, finalmente, por ações psíquicas do ser humano, impressionando determinados sítios. Essa ambiência psíquica que impregna os mais diversos locais é denominada pelos ocultistas de *egrégora*.

Já observava Roger de Lafforest:

“Sin embargo, no sólo los crímenes, las torturas, las violencias impregnan los lugares, sino que también lo hacen los sufrimientos físicos o morales cuando son intensos y prolongados.”

E, mais adiante:

“Los fantasmas que habitan determinadas casas son, en realidad, una proyección de los recuerdos registrados por la memoria de las paredes.”

É possível que as aparições, para certas pessoas, resultem de uma vívida experiência de psicometria ambiental.

Esta hipótese poderá explicar as aparições vistas por mais de uma pessoa e as aparições coletivas.

Em relação a casas mal-assombradas e casas doentias ou azarentas, já havíamos comentado:

“Vários fatores podem afetar a saúde das pessoas que moram em determinado local: casa edificada sobre um terreno impermeável, em cima de uma corrente de água subterrânea ou de uma jazida mineral ou, ainda, de uma falha geológica, ondas de forma, ionização do ar, materiais empregados na construção da casa, maldição ou proibição lançada sobre a casa, a "memória das paredes" e a ação da mente de uma das pessoas residentes na casa. Todo esse conjunto forma o "clima psíquico" de uma casa mal assombrada ou azarada, perturbando a vida de seus moradores.”

Hipótese metafísica

Santo Agostinho que, segundo Jean-Claude Schmitt, é o verdadeiro fundador da teoria cristã dos fantasmas, ensina que a aparição não é nem o corpo do morto nem sua alma, mas uma imago ou seja uma imagem espiritual e não corporal que tem apenas a aparência do morto. Para Agostinho, não há diferença de natureza entre aparição da imagem de um morto e a da imagem onírica de um amigo que vive longe e com qual sonha. Todas essas imagens são percebidas não pelos olhos do corpo, mas pelos "olhos da alma".

Colocada a questão nestes termos, resulta evidente que a aparição não é o espírito de uma pessoa viva ou morta, mas a resultante alucinatória, sob forma de representação, de uma relação telepática entre vivos, ou, sob a óptica espírita, entre uma pessoa e um espírito.

Poder-se-ia especular que a aparição de pessoa viva seria a sua presença psíquica em determinado local, ainda que ela não tenha consciência da experiência. Porém vimos que, em raríssimos casos, uma pessoa, em EFC, não só estava consciente do local onde psiquicamente se encontrava, mas também percebeu o percipiente e foi por este percebido como uma aparição.

A aparição pode ser a resultante de uma alucinação visual telepaticamente induzida por uma pessoa morta sobre a mente do percipiente, ou a presença psíquica daquela pessoa no local onde é percebida.

No caso de aparição de pessoa morta a um moribundo, admite-se que ela venha ajudá-lo na sua passagem para o Além.

A aparição de pessoa falecida ao lado de seu cadáver pode ser resultante de uma alucinação auto-induzida do percipiente. No entanto, a coincidência dos relatos entre as pessoas que passaram por essa experiência favorece a interpretação metafísica.

Aparições objetivas

As hipóteses mais comuns para explicar as aparições objetivas são as seguintes:

Fraude

É a mais comumente usada para negar a realidade física das aparições. Acontece, porém, que, na maioria dos casos, as fraudes foram mais alegadas do que comprovadas.

Ectoplasmia

Alguns metapsiquistas afirmavam que a aparição objetiva ou materialização é uma forma física produzida pelo inconsciente do médium, utilizando uma substância exsudada de seu corpo e denominada de ectoplasma.

Outros metapsiquistas entendiam que as aparições objetivas são produzidas por Espíritos, agindo sobre o ectoplasma exteriorizado pelo médium. Consciente ou inconscientemente, eles extrairiam do organismo das pessoas vivas os recursos materiais para a sua aparição no universo físico. Difícil é admitir que os animais falecidos também assim procedam.

Sonho compartilhado

As aparições objetivas não passam de um sonho do agente psi compartilhado com todas as pessoas presentes. Por isso, elas vêem as aparições, tocam nelas e são tocadas por elas, conversam com elas e as observam praticar ações físicas.

O universo onírico tem também a sua “materialidade” e, por isto, as pessoas presentes no espaço do mesmo sonho podem constatar a "solidez" das aparições.

O agente psi, sozinho ou com o auxílio de outras pessoas, é o produtor de aparições, numa parceria inconsciente para a satisfação das necessidades emocionais de alguns ou mesmo de todos os presentes.

Holograma

As aparições objetivas não são fisicamente reais, porque não passam de singulares hologramas produzidos pelo inconsciente do agente psi.

Acontece, porém, que certas aparições realizam ações físicas e deixam marcas materiais de sua presença, o que torna insustentáveis as hipóteses do sonho compartilhado e do holograma.

Sonho objetivado

A aparição é objetivamente real, constituída por recursos exteriorizados do organismo do agente psi e, em alguns casos do organismo das pessoas presentes, porém seu conteúdo é de natureza onírica. Esta hipótese se reforça, no caso das aparições de formas humanas diminutas ou de animais.

Conclusão

De todo o exposto, chega-se à inevitável conclusão de que as aparições são de uma extrema complexidade e que as hipóteses até agora suscitadas não são suficientes para uma compreensão exaustiva e abrangente de suas causas e de seus processos operacionais. Apesar disso, elas revelam um dos aspectos mais fascinantes do psiquismo humano, nas suas relações consigo mesmo e com a realidade exterior. E, mais do que isso, constituem um estimulante desafio que não pode ser enfrentado unicamente pela ciência, mas pela filosofia e pela religião, o que muito contribuirá para

uma investigação cada vez mais profunda da natureza humana e uma especulação e reflexão sobre a exuberante riqueza da realidade.

BIBLIOGRAFIA

- Aksakof**, Alexandre – *Animismo e Espiritismo*. FEB: Rio de Janeiro, 1956. 2ª edição.
- Amadou**, Robert – *Os Grandes Médiuns*. Edições Loyola: São Paulo, 1966.
- Barret**, William - *Death-bed Visions*. Inglaterra: The Aquarian Press, 1986.
- Borges**, Valter da Rosa - *Manual de Parapsicologia*. Recife: Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas, 1992.
- Bozzano**, Ernesto - *Fenômenos psíquicos no momento da Morte*. Rio de Janeiro: FEB, 1949.
- _____ *Os Animais têm Alma?* Rio de Janeiro: Editora Eco, s.d.
- _____ *Pensamento e Vontade*. Rio de Janeiro: FEB, 1950.
- Cerviño**, Jaime – *Além do Inconsciente*. FEB: Rio de Janeiro, s.d. 1ª edição.
- Coleman**, Michael H. - *The Ghost of the Trianon*. Inglaterra: The Aquarian Press, 1988.
- Delanne**, Gabriel - *O Espiritismo perante a Ciência*. FEB: Rio de Janeiro, s.d.
- D’Esperance**, E. – *No País das Sombras*. FEB: Rio de Janeiro, s.d. 2ª edição.
- Edsall**, F. S. - *O Mundo dos Fenômenos Psíquicos*. São Paulo: Pensamento, 1962.
- Faria**, Nogueira de – *O Trabalho dos Mortos*. FEB: Rio de Janeiro, s.d.
- Flammarion**, Camilo - *As Casas Mal Assombradas*. Rio de Janeiro: FEB, s.d.
- _____ *O Desconhecido e os Problemas Psíquicos*. Rio de Janeiro: FEB, 1954.
- _____ *A Morte o seu Mistério*. Rio de Janeiro: FEB, s.d.

- Fodor**, Nandor - *Encyclopaedia of Psychic Science*. Estados Unidos: University Books, 1974.
- Freyre**, Gilberto - *Assombrações do Recife Velho*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- Lafforest**, Roger de - *Casas que matam*. Barcelona: Martinez Rocca, 1976.
- Friedrich**, Edvino A. - *Casas Mal-Assombradas*. São Paulo: Edições Loyola, 1980.
- Holzer**, Hans - *Where the Ghosts are*. Nova Iorque: A Citadel Press Book, 1995.
- Lombroso**, Cesar – *Hipnotismo e Espiritismo*. Lake: São Paulo, s.d.
- MacKensie**, Andrew - *Fantasmagorias e Aparições*. São Paulo: Pensamento, s.d.
- Mood Jr.**, Raymond A. - *Reencontros*. Rio de Janeiro: Record (Nova Era), 1996.
- Morse**, Melvin & **Perry**, Paul - *Visões do Espírito*. Rio de Janeiro: Record (Nova Era), 1998.
- Myers**, Frederich - *A Personalidade Humana*. São Paulo: Edigraf, s.d.
- Osis**, Karlis & **Haraldsson**, Erlendur - *O que eles viram... no limiar da Morte*. Portugal: Publicações Europa-América, s.d.
- Playfair**, Guy Lyon – *A Força Desconhecida*. Record: Rio de Janeiro, s.d.
- Radin**, D. & **Rebman**, J. - *Are Phantasms Fact or Fantasy? A Preliminary Investigation of Apparitions evoked in the Laboratory*. Estados Unidos: The Parapsychological Association Annual Convention, 1995.
- Robin**, Don - *A Linguagem Secreta das Pedras*. São Paulo: Edições Siciliano, 1990.
- Rogo**, D. Scott - *A Vida após a Morte*. São Paulo: Ibrasa, 1991.
- Schmitt**, Jean-Claude - *Os Vivos e os Mortos na Sociedade Medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- Tyrrel**, G.N.M. - *Apariciones*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1965.

ORELHA 1

Livros publicados:

Os Brinquedos. Poesia. Recife. 1954.

Introdução ao Paranormal. Parapsicologia. Recife. 1976.

Os Cinco Dedos. Em co-autoria. Ensaio. Recife. 1981.

Só a Busca é Definitiva. Ensaio. Recife. 1983.

Parapsicologia: Um Novo Modelo (e outras teses). Em co-autoria. Parapsicologia. Recife. 1986.

Manual de Parapsicologia. Parapsicologia. Recife. 1992.

A Realidade Múltipla. Ciência, Filosofia, Religião. Recife, 1995.

O Ser, o Agora, o Sempre. Poesia. Recife. 1996. (Premiado pela Academia Pernambucana de Letras)

Grêmio Cultural Joaquim Nabuco (Memória de um Bairro). Ensaio. Recife. 1998. (Em razão deste livro, o autor recebeu, da Prefeitura Municipal do Recife, o diploma de Memória Viva do Recife.)

A Saga do Existir. Ensaio. Recife. 1999.

A Realidade Transcendental. Ciência, Filosofia, Religião. Recife. 1999.

A Parapsicologia em Pernambuco. Parapsicologia. Recife. 2000.

ORELHA 2

O autor

Valter da Rosa Borges, nascido no Recife, em 1934, é fundador de instituições culturais e científicas, entre as quais se destacam o Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas - I.P.P.P., a Academia Pernambucana de Ciências e a Sociedade Internacional de Transcendentologia. É ainda membro da Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro, da Academia de Artes e Letras de Pernambuco, da União Brasileira de Escritores e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

Como parapsicólogo participou de Congressos de Parapsicologia no Brasil e no Exterior e é membro pleno (full member) da Parapsychological Association, da Associação Ibero-Americana de Parapsicologia, da Associação Brasileira de Parapsicologia e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Parapsicologia.

